THEATRO MODERNO.

A ESCALLA SOCIAL.

DRAMA EM TRES ACTOS.

ORIGINAL

De José da Silva Mendes Leal Junior.

Representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II, em 1857.

LISBOA
ESCRIPTORIO DO THEATRO MODERNO
Rua da Quintinha n.º 45.

1858

A *Escalla Social* pertence á mesma familia de dramas que foi iniciada com o *Pedro*, e continuada nos *Homens de marmore*, *Homem de oiro*, *Tio André* etc. É inutil pois repetir aqui o author a doutrina, que já, a proposito d'aquelles, expoz e explicou.

O author tomou á letra o *castigat mores* do theatro antigo. Offerece para o attestar a sua vida litteraria inteira. Na serie das suas diversas composições achar-se-ha este intuito constante.

Entende elle que o escriptor deve ser como um sacerdote, que a nenhuma classe ha-de cortejar nem incensar, e a cada uma transmitte a palavra de Deus; isto é, a verdade! Seja qual fôr a fórma de arte que se adopte, é só com este facho eterno, com este sol da sabedoria, como lhe chamam os livros santos, que verdadeiramente se illumina e illustra o mundo!

A este principio de consciencia, acima ainda de todas as theorias estheticas, tem procurado obedecer inalteravelmente o author.

Aspirando a pintar a sociedade como ella é, não podia levantar um patibulo a cada desenlace, para satisfazer os que imaginam que só no cadafalso ha moralidade. Para o author está mais alta e vem mais de cima: pensa que tambem a ignominia e a humilhação é castigo ás vezes mais efficaz, e poem a recompensa das virtudes antes na estima que estas inspiram do que nas remunerações palpaveis. Os sectarios do *moralismo* interesseiro não verão que desmentem a religião e o evangelho, fazendo-se exclusivamente materialistas?

O publico favor acolheu este drama na scena, e levou em conta ao author o intuito com que, protestando em nome da honra da sua patria, não hesitou em affrontar vicios poderosos, que, por desgraça, lhe maculam o explendor e o credito: o exito obtido dispensa-o de dizer mais, por que é signal de que a sua idéa foi comprehendida

Janeiro 4 — 1858.

J. da S. Mendes Leal Junior.

PERSONAGENS.

BENTO ALVES.................................. TASSO.
O CONDE DE RIBA-COA.......................... ROZA.
FRANCISCO DURÃO.............................. D. FERREIRA.
JOÃO THADEO.................................. MOREIRA.
JACINTHO GOMES............................... LEAL.
LUIZ DAS MERCÊS.............................. CARVALHO.
JOSÉ EDUARDO................................. CEZAR.
UM CAIXEIRO DE FÓRA.......................... AMARO.
D. EMILIA DURÃO.............................. SOLLER.
D. PERPETUA DAS MERCÊS....................... DELFINA.
A BARONEZA D'ALVOR........................... GERTRUDES.
UMA SENHORA.................................. ANTONIA.
1.° CRIADO.................................... J. ANTONIO.
2.° » .... FARRUJE.

Creados, compradores, passeantes.

A acção passa-se no 1.° acto nos principios de 1850, no 2.° em 1852, e no 3.° em 1857.

A ESCALLA SOCIAL.

DRAMA EM TRES ACTOS.

ACTO PRIMEIRO.

O interior de uma loja de modas, de esquina, n'um dos arruamentos. À esquerda do actor o balcão, e d'este para dentro armarios guarnecidos de fazendas. Ao fundo porta. A direita porta. Bancos nos intervallos guarnecendo as paredes. Um espelho diante do balcão.

SCENA I.

BENTO, *do lado de dentro do balcão servindo os freguezes.* **JOÃO THADEO,** *fóra, sentado, sem chapeu. Ao seu lado* **LUIZ DAS MERCÊS,** *de chapeu na cabeça, tambem sentado. Ao fundo um grupo de compradores ao balcão do lado de fóra.* **A BARONEZA D'ALVOR** *entrando acompanhada d'uma senhora edosa, e dirigindo-se ao balcão para o lado da frente da scena, que está desoccupado.*

BARONEZA *(ao balcão).* Tem cabeções e mangas de *tulle* bordadas? *(Momento de silencio).*

BENTO *(mostrando as fazendas aos outros compradores não dá attenção).*

BARONEZA. Tem cabeções de *tulle?*

THADEO *(levantando-se).* Não ouve o que pergunta a senhora baroneza, Bento?

BENTO *(áparte entre dentes).* Baroneza... baroneza!... Importam-me cá baronezas!...

THADEO. Responda ao menos!

BENTO *(de mau modo).* Já vou... Eu não tenho quatro mãos

THADEO. Queira desculpar, minha senhora... Se me dá licença eu mesmo lhe vou mostrar o que v. ex.ª deseja. *(Entrando para dentro do balcão).*

BARONEZA. Faz-me muito favor, que estou com alguma pressa.

THADEO *(abrindo-lhe uma caixa de cartão).* É d'isto?

BARONEZA. É. *(Examinando e conversando).* O seu caixeiro, senhor Thadeo, não lhe ha-de attrahir muita freguezia.

THADEO. Não me falle n'isso, minha senhora. Por mais que o advirta, não perde o costume de responder, e tem umas idéas que realmente não é possivel domal-o. Quando lhe faço alguma observação, diz-me que os homens são todos eguaes; e, com este seu direito de egualdade, absolve o zelo que lhe falta, e justifica a insolencia que lhe sobeja.

BARONEZA. Sendo assim, não sei como o atura.

THADEO. É sobrinho de um correspondente meu do Alemtejo, a quem sou obrigado. O tio protege-o e recommendou-m'o com interesse. Quer que elle pratique em Lisboa, para o estabelecer depois na provincia; e eu, que estou sciente d'estas intenções, conservo-o por que, se o despedir, não sei o que ha-de ser d'elle. — Infelizmente, creio que a final não terei outro remedio. O seu comportamento dá-me serios motivos de queixa, e... *(vendo que a baroneza depois de escolher separa um par de mangas)* Agrada-lhe este?

(Luiz das Mercês levanta-se e vae á porta do fundo vêr quem passa).

BARONEZA. Agrada. Quanto custa o cabeção e o par de mangas?

THADEO. Duas libras, tudo; e é por ser para v. ex.ª

BARONEZA. Duas libras!

THADEO. Não acha em parte nenhuma por menos.

BARONEZA. Póde ser... *(repondo tudo na caixa)* mas para mim é muito caro.

THADEO. Bem vê a qualidade; e se uma pessoa como v. ex.ª não comprar estas coisas de gosto, a quem as hei-de vender?

BARONEZA. A quem fôr mais rica.

THADEO. A senhora baroneza não falla serio, de certo.

BARONEZA. Muito serio. Sou filha de um militar, e os militares não podem dispender muito. Já vê que os titulos nem sempre são riqueza Deixa-me vêr mais?

(Luiz das Mercês volta para dentro e torna a sentar-se. O grupo dos compradores tem sahido. Bento está sentado lendo um jornal, deixando a fazenda em parte amontoada sobre o balcão).

THADEO. Dê-me áquellas caixas de bordados que estão ahi na segunda pratelleira, Bento. *(Bento não responde)*. Vê, minha senhora?

BARONEZA. Na verdade é demais. *(Thadeo vae buscar a caixa e volta — Áparte)* É uma tyrannia... voltada do avesso. *(A Thadeo)*. Admiro a sua paciencia. *(Designando Bento)*. Não achava outro patrão assim!

THADEO. É o que todos me dizem; mas não o faço por elle, é pelo tio. Muitas vezes prefiro disfarçar para não me vêr obrigado a... *(abrindo a caixa)* Isto anda por oito mil réis.

LUIZ. É o *Diario do Governo*, senhor Bento?

BENTO *(seccamente)*. É

LUIZ. Deixe cá vêr se traz algum annuncio de concursos.

BENTO. Ainda não acabei de lêr; já vae.

THADEO. Dê o *Diario* ao senhor Mercês, e dobre essas fazendas, ouviu?

BENTO *(entregando o jornal com mau modo a Luiz)*. Não póde uma pessoa lêr!— *(Aparte)*. Este despotismo ha-de acabar, oh!... O povo ha-de dar uma volta a isto *(Dobrando as fazendas com arremeços)*.

BARONEZA *(separando o cabeção e o par de mangas)*. Levarei estas se me póde dar tudo por libra e meia.

THADEO. Isso me custam ellas... Por sete mil e duzentos não ha razão de queixa.

BARONEZA. Libra e meia se lhe convem.

THADEO. É paulista. . Emfim não quero que vá comprar a outra parte. *(Embrulhando as mangas)*.

SCENA II.

OS MESMOS e **O CONDE DE RIBA-COA,** *entrando do fundo.*

CONDE. Como está, baroneza?... Vi-a quando passava e não quiz deixar de lhe fallar. *(Estendendo-lhe a mão)*.

BARONEZA *(correspondendo ao movimento e acceitando-lhe os shak-hands)*. Como está, conde? Fez bem em entrar. Ha duas horas que não encontro uma pessoa conhecida.

CONDE. Então volta de paizes barbaros?

BARONEZA. Tão popular me julga!

CONDE. Tão apreciada. Fez alguma viagem de exploração?

BARONEZA. Fiz, e descobri uma raridade.

CONDE. Uma raridade, hoje, é a coisa mais vulgar do mundo.

BARONEZA. Diz isso por espirito de corporação. Como é da familia!

CONDE. Eu, minha senhora, da familia das raridades!... Eu, a banalidade feita homem, a rutina ambulante, a prosa de casaca.

BARONEZA. Prosa de folhetim, prosa de noticiario, prosa de satyra. Não me engana com essas protestações. É uma raridade, vamos; e uma raridade de observação maliciosa.

CONDE. Pois serei uma raridade... quotidiana, já que assim o quer. Mas, tornemos á outra raridade, á sua.. a nova... a que descobriu.

BARONEZA. Imagine que achei...

CONDE. O segredo de fazer oiro? — Isso é velho. Já está achado. Faz-se por ahi tanto oiro, que se tracta de propôr um premio a quem achar o methodo de o gastar mais depressa.— Seneca, se vivesse, ia para Rilhafolles.

BARONEZA. Veja. Corre-lhe tão abundante a veia mordaz que nem repara que me interrompeu.

CONDE. É verdade! Não foi então o segredo de fazer oiro que v. ex.ª descobriu... foi?

BARONEZA. Foi... o mundo ás avessas.

CONDE. Ás avessas está elle muita vez.

BARONEZA. Mas assim muito poucas. — Diga-me se não é raro vêr um patrão caixeiro do seu caixeiro, e um caixeiro descendente de Rousseau em linha recta.

CONDE. Oh! já sei... Falla-me do meu amigo Thadeo e do meu amigo Bento... Effectivamente são ambos duas raridades no seu genero... mas ha terceira raridade, ainda mais rara do que essas.

BARONEZA. É ser amigo de ambos.

CONDE. Se eu sou amigo de toda a gente! É a minha especialidade!

BENTO *(entre dentes)*. Não tenho amigos tão fidalgos!

CONDE *(ouvindo-o)*. Ainda não é tarde. Descance que os hade ter... digo-lh'o eu.

THADEO *(para dentro, reprehensivo)*. Bento! *(Para a baroneza)*. Não tinha querido interromper... *(Entregando-lhe o embrulho)*. Aqui está o cabeção, e as mangas.

BARONEZA. Obrigada. *(Dando-lhe duas libras)*. Dê-me o troco.

THADEO *(a Bento)*. Pague libra e meia, e dê o troco a esta senhora. *(Bento obedece)*.

BARONEZA *(ao conde)*. Vae á noite a S. Carlos? *(Despedindo-se)*.

CONDE. Vou... para conversar com acompanhamento de grande orchestra.

BARONEZA. Quer dizer que está mais á sua vontade no Gremio.

CONDE. Não: por que ha menos que observar. São Carlos

é um romance, e o Gremio é apenas o epilogo. Os meus cumprimentos ao general. O general está bom, não?

BARONEZA. Queixando-se sempre.

CONDE. É o seu costume... em tudo!... E não se dá mal.

BARONEZA. Adeus, conde. Veja se tem emenda.

CONDE. De que me hei-de eu emendar?

BARONEZA. Da maledicencia. *(Sahindo).*

CONDE *(inclinando-se).* Era preciso ficar mal com a verdade.

SCENA III.

OS MESMOS, *menos* A BARONEZA.

THADEO *(sahindo do balcão).* É muito animada esta senhora.

CONDE. É... Animada como um desejo.

THADEO. Desejo bem natural na sua edade.

CONDE. Que edade pensa que tem a baroneza, senhor Thadeo?

THADEO. Eu sei... Vinte e cinco annos talvez.

CONDE. Talvez. — Tem de dezoito a vinte e cinco por fóra; por dentro quarenta a sessenta.

THADEO. Como entende v. ex.ª isso?

CONDE. Como toda a gente. A baroneza tem nos olhos o periodo da primavera, e no coração o do outono. Faz no rosto exposição de flores, e calcula no espirito a provisão dos fructos. — Aposto que regateia,

THADEO. Mais que a mulher de um agiota.

CONDE. Ahi verá. Sabe que é pobre, e quer accummullar o juro do seu capital.

THADEO. Que juro?

CONDE. Um juro... composto... de *blonds* economicos, de espartilhos avaros, e de sorrisos prodigos, levantado sobre o capital de uma cara soffrivel, de uma tactica esperta, de uma lingua afiada, e de um titulo, que a espada virgem do pae talhou na tella das insurreições para dote da filha. O titulo é pois o anzol em que ha-de cahir a herança provinciana de algum morgado boçal, e a rede que talvez arraste a preza grossa de algum Creso negreiro.

THADEO. Se antes d'isso uma paixão do Marrare lhe não compromettei os projectos.

CONDE. Descance, que não tem perigo· traz o coração em conta corrente. A baroneza é uma ambição de carruagem n'um estojo de crinoline.

THADEO. Não sei porque, faz-me tristeza ouvir isso.

CONDE. Porque é um homem de tino com quem se póde conversar, e o seu bom juizo deplora esta aridez do egoismo, que secca as fontes dos generosos amores. Que quer? É assim o mundo, ou tem n'o feito assim.

BENTO *(entre dentes)*. É fresco, o mundo!

CONDE. Que diz, Bento?

BENTO. Entendo pouco d'essas coisas.

CONDE. Das coisas do egoismo? Engana-se. Lê de cadeira.

BENTO. Se o senhor conde se quer divertir comigo, eu não sirvo de entretenimento a ninguem.

CONDE. Isso é verdade. Para divertir é necessario ser divertido.

BENTO. Posto não passar de um caixeiro tenho tambem a minha dignidade... e sei respeital-a.

CONDE. A sua dignidade não perdia se fosse mais tractavel. Deixa-me vêr aquellas bengallas?

THADEO. Foram despachadas hontem. *(O conde examina as bengallas e parece conversar com Bento, que mostra não lhe responder)*.

LUIZ *(a Thadeo)*. Não é este o conde de Riba-Coa, amigo intimo do ministro novo?

THADEO. É.

LUIZ. Tenho estado a examinal-o, e queria-me parecer... Não mente a fama a seu respeito.

THADEO. Que fama?

LUIZ. De má lingua.

THADEO. Já lhe ouviu desacatar as coisas santas e justas?

LUIZ. Não; mas é um açoitesinho!...

THADEO. Contra os vicios e abusos. Se desgraçadamente tem razão!

LUIZ. É seu amigo?

THADEO. Sou, por que o tracto ha muito; e, com aquelles modos que vê, não conheço pessoa de mais lhaneza, nem alma tão deveras fidalga!

LUIZ. Pois invejo-lhe as relações.

THADEO. Porque? Todos as podem ter como eu. O conde não despreza ninguem, bem vê; e se gosta de vir aqui, e lhe mereço algum favor, não é por ostentação da sua parte, nem por servilismo da minha: é porque nos entendemos, apezar da differença de classes.

LUIZ. Apresenta-me?

THADEO. Para que?

LUIZ. Aproveito a occasião e entrego-lhe um memorial.

THADEO. Já esperava encontral-o?

LUIZ. Ando sempre prevenido. — Como é amigo do ministro... (*Ficam conversando*).

CONDE (*a Bento, indicando uma bengalla que escolheu*). Separe-me esta. — Tornando ao caso, creia que ainda diz mais callando do que fallando. Visto lêr ás vezes a sua nesga de jornal, talvez tenha algumas luzes do que vou dizer-lhe. Houve n'outro tempo, na Hollanda, um principe que, pela parcimonia das fallas, foi denominado o Taciturno. Era um grande amigo da egualdade, e odiava os reis... porque não tinha uma corôa como elles. Ha d'isto em todos os graus da escalla social. Sabe o que elle meditava no seu silencio? Governar como um despota.

BENTO. É muito generoso abusar assim comigo da sua posição e do seu espirito, o senhor conde.

CONDE. Não disfarce o despeito n'um sentimentalismo hypocrita. Doeu-se? É por que lhe puz o dedo na ferida. Bem sabe que digo a verdade a todos, assim aos viciosos pequenos, como aos potentados viciosos. (*Deixa o balcão e vem a Thadeo*).

THADEO. Não sei como v. ex.ª se expõe ás atrevidas respostas d'aquelle altanado.

CONDE. Deixe. Diverte-me... mesmo sem querer. Entra na cathegoria das minhas observações e experiencias. Como sabe, sou tambem um tanto patricio d'elle. Tenho propriedades no Alemtejo pegadas com as do tio, e na qualidade de patricio... Deixe. Por ora ainda não póde offender.

THADEO. Aproveito este intervallo, em que não está mais ninguem, para ter a honra de apresentar a v. ex.ª o sr. Luiz das Mercês, um antigo conhecido meu, infalivel aqui todos os dias...

LUIZ. Da uma ás tres. É a hora de vir ás secretarias. Sempre aqui descanço um pouco á espera de ss. ex.ªs

CONDE. E vem todos os dias ás secretarias?

LUIZ. Sem faltar um. Desde 36, todas as revoluções, e todos os ministros me teem achado á porta do gabinete.

CONDE (*rindo*). Admira não ter entrado.

LUIZ. Acasos da fortuna! — Ando requerendo.

CONDE. Desde 1836?

LUIZ. Desde 1828. Mas de 28 a 36 não procurava os ministros.

CONDE. Porque?

LUIZ. Por que requeria para mim.

CONDE. Ah! — E foi servido?

LUIZ. Fui. Primeiro alcancei o emprego, e depois a despensa de o servir.

CONDE. Vencendo o ordenado.

LUIZ. Está visto.

CONDE. Então que tem feito n'estes ultimos quatorze annos de pretendente?

LUIZ. Empregar os outros. Já arranjei assim dois sobrinhos, tres primos, um tio, e quatro irmãos.

CONDE. E requer ainda? *(Attonito).*

LUIZ *(puxando um memorial).* Se v. ex.ª quizesse ter a bondade de entregar este memorial ao ministro! Como é uma pessoa de muita bondade e o meu amigo Thadeo se interessa...

CONDE. Diga-me: fez já 50 annos?

LUIZ. Fiz 49.

CONDE. Se chegar aos 80, cada secretaria é uma tribu, de que o senhor virá a ser o patriarcha.

LUIZ. V. ex.ª está zombando!

CONDE. Estou admirando.

LUIZ. Em todo o caso, não tem duvida de .. *(indica o memorial).*

CONDE. Como, dûvida? Com muito gosto. Não sou só amigo de todos os individuos; sou protector de todas as industrias. *(De parte a Thadeo).* E fallava a baroneza em raridades!

LUIZ. Qual dos ministros é o amigo intimo de v. ex.ª?

CONDE. Todos.

LUIZ *(multiplicando os cumprimentos).* Ah! todos! *(Entrega-lhe um memorial).* Este é para o senhor ministro dos negocios estrangeiros *(o conde recebe-o. — Tirando outro e cada um de diversa algibeira).* Este é para o senhor ministro das justiças, *(tirando outro da copa do chapeo)* Este é para o senhor ministro da fazenda!

CONDE *(rindo).* Traz a fazenda na copa do chapeo? *(Recebe-o).*

LUIZ *(tirando outro da algibeira do peito da casaca).* E o reino no bolso furtado. *(O conde recebe-o — Procurando o ul-*

timo nas algibeiras das abas) A marinha?... que fiz eu á marinha?

CONDE. Não sabe da marinha? Que pena!

LUIZ. Ah!... cá está.

CONDE. Achou?

LUIZ. Estava sumida... no forro.

CONDE *(com um feixe de memoriaes).* E quer que me encarregue de tudo isto?

LUIZ. Como é amigo de todos os ministros!

CONDE. Tem razão. — É para os seus parentes ainda? — Nem a familia de Agaménmon.

LUIZ. Acabo de accommodar o resto de uns primos... e principio com os de minha mulher.

CONDE. É casado? Misericordia!... Até logo, senhor Thadeo. O seu amigo põe-me em debandada á ponta de memoriaes *(em confidencia).* Tome cuidado com o Bento!... Póde-lhe dar desgostos serios.

THADEO. Estou prevenido.

CONDE. Descarte-se d'elle sem a mais leve duvida.

THADEO. Custa-me a fazer-lhe perder a protecção do tio. Mas tudo tem limite.

CONDE. Descance. Não tenha escrupulos. Não lhe inutilisa a fortuna. Este é dos que hão-de achal-a em toda a parte... e por todos os modos.

SCENA IV.

OS MESMOS, **DURÃO** e **D. EMILIA.**

(Durão entra do fundo dando o braço a D. Emilia. O conde vae a sair. Cruzando-se, os dois homens tiram o chapeo e cumprimentam-se.)

DURÃO. Senhor conde!

CONDE. Senhor Durão! Minha senhora!

THADEO *(que acompanha o conde).* Conhece?

CONDE. Conheço. — Segunda edição da baroneza... em menor formato.

THADEO. Ella. — E elle?

CONDE. O sobscripto de uma carta de concelho.

THADEO. Sinto que saia agora.

CONDE. Suspeito que não tardo.

THADEO. Porque?

CONDE. Verá.

(No entanto Durão e D. Emilia teem chegado ao balcão. Bento sobresalta-se

á vista de D. Emilia, muda de modos e parece servil-a com enthusiasmo. O conde pára ao fundo observando).

CONDE *(a Thadeo)*. Repare no Bento. Parece outro. — É freguesa?

THADEO Tem vindo aqui ultimamente algumas vezes, mas ainda não sabia quem era.

CONDE *(d'olhos fitos no grupo)*. Fica sabendo. É a paixão do seu caixeiro.

THADEO *(attonito)*. Que me diz?

CONDE *(com uma gargalhada)*. O mundo sempre tem coisas! — Até já *(sahe)*.

SCENA V.

OS MESMOS, *(menos)* O **CONDE**.

D. EMILIA. Deixa-me ver aquelle córte de *moire antique?*

BENTO *(obzequioso)*. Pois não minha senhora.

D. EMILIA. Quanto custa?

BENTO. Dez libras.

D. EMILIA *(a Durão)*. É lindo, não é, papá?

DURÃO. Nem por isso. Acho vulgar. Quem é que não tem hoje um vestido de *moire antique? (Baixo e rapido)* Estás louca. É muito caro.

D. EMILIA *(em voz alta)*. Que pena ser tão caro! *(Despeitada)*. Se custasse dez mil réis o papá achava delicioso.

DURÃO. Dez mil réis, ou dez libras, para mim é o mesmo. Toda a gente sabe a minha posição. *(Baixo a D Emilia)*. Queres-me deitar a perder?

THADEO *(áparte a Luiz das Mercês)*. Que mina de observações para o conde, se aqui estivesse!

LUIZ. Elle iria entregar os meus memoriaes? Com licença. Vou ver. *(Despede-se e sahe)*.

SCENA VI.

OS MESMOS, *(menos)* **LUIZ.**

D. EMILIA *(a Bento)*. Leve, leve, não quero deitar a perder o papá.

DURÃO *(baixo)*. Protestaste comprometter-me. *(Alto)*. Deitar-me a perder por uma bagatella d'estas! Se tens muito gosto no vestido, quem te diz que o não compres?

D. EMILIA *(áparte)*. Isso sabia eu que havia de comprar!

DURÃO. Pódes porém deixar para outro dia. Não vinha agora prevenido.

D. EMILIA. Para outro dia! E o baile da Phylarmonica é depois de ámanhã!...

BENTO *(obzequioso)*. É para o baile? É o mesmo. *(A D. Emilia)*. V. ex.ª pagará. Aonde quer que lh'o mande?

D. EMILIA. Á rua da Rosa, numero... Se o papá consente.

BENTO. Consente, consente... Quem não ha-de consentir no que v. ex.ª desejar. *(Thadeo chega-se ao balcão observando)*.

DURÃO. Nós mandaremos a resposta.

D. EMILIA. Nada, não; não fico com o córte... *(Com intenção)*. O papá não póde agora gastar tanto.

BENTO. Não tem pressa. Se v. ex.ª faz gosto, mando-lh'o.

DURÃO *(baixo)*. Nunca se diz que não se póde gastar. *(Alto)*. Mande.

D. EMILIA *(comsigo)*. Venci. *(Baixo ao pae)*. Como se não paga tudo logo... *(Alto idem)*. Veja que fortaleza de seda.

THADEO *(n'este intervallo faz um signal a Bento que se lhe aproxima)*. Quem o authorisou a fiar assim a minha fazenda?

BENTO. São pessoas minhas conhecidas.

THADEO. Mas não as conheço eu.

BENTO *(altivo)*. Respondo por ellas.

THADEO. Era melhor que respondesse por si.

BENTO *(despeitoso)*. Se quer vou-lhes dizer que não deixa levar o córte.

THADEO. Para me ganhar ainda em cima um inimigo! O que está feito está feito. Mas não torne a fazel-o sem minha ordem.

SCENA VII.

OS MESMOS, O **CONDE** e **JOSÉ EDUARDO.**

CONDE *(a José Eduardo ao fundo)*. Se eu já o esperava!

JOSÉ. A mim?

CONDE. Sahi de proposito para o ver, tanto que logo aqui disse que voltava. *(A Thadeo)*. Não é verdade, senhor Thadeo? *(Gesto affirmativo de Thadeo)*.

JOSÉ *(confuso)*. Mas como sabia v. ex.ª...

CONDE *(sorrindo)*. Sabia. Adivinhei... como adivinhavam os astrologos... consultando os signaes do ceu. *(Fitando D. Emilia que não repara para José Eduardo)*.

JOSÉ *(sorrindo)*. V. ex.ª tem um modo de justificar-se!...

CONDE *(como acima)*. Modo indicativo... *(Designando D. Emilia)*. Tempo presente. Ora vamos, aproveite a occasião. Cumprimente ao menos.

JOSÉ *(timidamente)*. Não me atrevo.

(Bento n'este momento, aproveitando a distracção de Durão, que tem ido á porta do fundo, e a conversação estabelecida no grupo do conde e de José Eduardo, prega os olhos em D. Emilia, e, mettendo disfarçadamente a mão por baixo dos estofos, que parece fazer-lhe admirar, aperta a d'ella).

D. EMILIA *(sentindo a pressão e recuando vivamente com um pequeno grito)*. Ah!

JOSÉ *(que estava de costas voltadas para o balcão vê o movimento no espelho e faz um gesto de indignação)*. Oh! *(O conde observa tambem e sorri)*.

DURÃO *(a D. Emilia)*. Tiveste alguma coisa?

D. EMILIA. Nada. Piquei-me n'um alfinete.

THADEO *(ao conde)*. Que foi?

CONDE. Logo lh'o direi.

JOSÉ *(ao conde indignado)*. Se eu fosse irmão ou parente, dava-lhe agora uma lição!... *(Indicando Bento)*.

CONDE. Eu não lhe disse que aproveitasse a opportunidade? Olhe o que é perder tempo.

JOSÉ. Se não conheço o pae.

CONDE. Senhor Durão...

DURÃO *(obzequioso)* Senhor conde! Já ainda agora tive o gosto de lhe fazer os meus cumprimentos.

CONDE. Dá licença que lhe apresente um amigo meu, que deseja ter o gosto de conhecer um funccionario tão respeitavel como v. s.ª... *(Baixo a José Eduardo)*. Dou-lhe senhoria porque está morto por ter excellencia.

DURÃO. Um amigo do senhor conde não precisa outra recomendação. *(Inclinando-se)*.

CONDE. O senhor José Eduardo...

(Ouvindo o nome, D. Emilia volta-se vivamente. Gesto de despeito de Bento. D. Emilia e José Eduardo cumprimentam-se em quanto o conde e Durão conversam).

DURÃO *(ao conde)*. José Eduardo... que?

CONDE. Estudante distinctissimo da escóla polytechnica, premiado todos os annos.

DURÃO. E que mais?

CONDE. Mais nada.

DURÃO *(com ar desdenhoso)*. Ah!... Cuidei que fosse fi-

lho de alguma familia importante, ou que tivesse outra posição...

CONDE *(sarcastico)*. Tem o talento, tem o estudo, tem a probidade, tem a honra, tem o futuro... Isso é lá posição social! — Perdôe incommodal-o com as minhas apresentações, senhor Durão.

DURÃO. Não é isso. Queira desculpar, senhor conde! *(Em confidencia)*. Mas v. ex.ª bem vê: quem tem filhas... *(Lançando os olhos para os dois que conversam)*.

CONDE. Pois não! É muito justo. Um pae recatado e prudente não deve admittir... intimidades... senão de homens estabelecidos como... como ha-de vir a ser o amigo Bento.

DURÃO. V. ex.ª está chasqueando, vejo.

CONDE. Como chasqueando!... Um homem estabelecido e um funccionario emminente! É a unica alliança rasoavel. Um tem a consideração, o outro o capital.

JOSÉ *(a D. Emilia)*. Quando terei o gosto de encontrar outra vez a v. ex.ª

D. EMILIA. Eu vou ao baile da Phylarmonica.

DURÃO *(a D. Emilia reparando na conversação dos dois que se tem animado)*. Creio que não te é preciso mais nada.

D. EMILIA. Mais nada. *(A Bento seccamente)*. Logo mando buscar o córte.

BENTO. Posso mandar tambem a conta? *(Com intenção rude)*.

D. EMILIA *(adoçando-se, com um sorriso)*. E a conta... se quizer.

BENTO *(notando o sorriso)*. Quando chegar a casa ha-de já encontrar o córte. A conta irá depois. *(Amenamente)*.

CONDE *(a Thadeo notando tudo)*. Sabe quanto lhe custa aquelle sorriso?

THADEO. Sei. Custa-me um córte de *moirée*...

CONDE. Provavelmente acerta. Mas console-se. É de todos o que perde menos.

THADEO. E qual perde mais?

CONDE. Quem sabe? Conheço um que se arrisca a perder as illusões... e uma que Deus sabe o que perderá.

D. EMILIA. Senhor conde! } *(Despedindo-se)*.
DURÃO. Senhor conde! }

CONDE. Senhora D. Emilia!... Estimo que vá satisfeita com a sua compra. *(Com intenção)*.

SCENA VII.

OS MESMOS *menos* **DURÃO** e **D. EMILIA.**

CONDE *(a José Eduardo)*. Não tenha acanhamento. Siga o seu sol .. em quanto luz. É natural na primavera. E a primavera dos vinte annos dura tão pouco! *(José Eduardo vae ao fundo e fica olhando da porta como seguindo com os olhos D. Emilia)*.

CONDE *(continuando, a Thadeo)*. Coitado! Não lhe quero turbar este fugitivo contentamento. — A todo o tempo é tempo.

THADEO. Gosta d'aquella menina este moço?

CONDE. Bem vê. Gosta, e por sua desgraça gosta deveras.

THADEO. Desgraça, não vejo.

CONDE. Repare, e verá. Este moço é um modello de honra; deu-lhe Deus um grande talento; ha-de ser um homem notavel; mas desherdou-o a fortuna. A filha do empregado, que ámanhã conta sahir conselheiro, está morta por comprar com a Excellencia do pae o luxo de um marido. O mundo em que vive, e os exemplos que vê, dizem-lhe que é este o caminho da felicidade, e avivam-lhe as invejas e os apetites. Eis a desgraça. — Elle ama com o seu coração. Ella ama a sua vaidade. Como se hão-de entender?

THADEO. Não era melhor prevenil o?

CONDE. Diga a um cego que ha nevoas no horizonte.

THADEO. Talvez ella tenha ainda o bom senso de não despresar um homem d'esses.

CONDE. Não creio. Vê o estudante? Vê o seu caixeiro? Que differença acha entre um e outro?

THADEO. Toda.

CONDE. Deixe passar alguns annos, e diga-me qual é o preferido.

THADEO. Nem tanto, senhor conde. Um homem, como Bento, não se atreve a levantar olhos...

CONDE *(rindo)*. Não se ha-de atrever, por que já se atreveu.

THADEO. A levantar os olhos?

CONDE. A apertar as mãos.

THADEO. Ah!... Percebo... Eu porei cobro n'esses atrevimentos. — E ella?

CONDE. Indignou-se, é verdade...

THADEO. Ahi verá.

CONDE. Mas passou-lhe depressa.

THADEO. Era despreso.

CONDE. Foi reflexão... e consideração.

THADEO. Que considerações póde ter uma menina, na situação d'essa, para com um caixeiro?

CONDE. Se o caixeiro lhe consente levar fiádas as futuras gallas... por que não?

THADEO. Que mundo! E como v. ex.ª repara!

CONDE. Se não tenho outra coisa que fazer! — Havia no drama antigo uma entidade, chamada côro, que o poeta encarregava de contar, explicar, e commentar os acontecimentos e os caracteres. Esta entidade, na comedia moderna, denomina-se *Desgenais*, *Rodolpho*, *Olivier*, ou qualquer outro. A reproducção d'este personagem não significa uma copia banal; é uma necessidade imperiosa. Na arte é o complemento indispensavel. Na vida é a verdade quotidiana. Chama-se o bom senso confidente do publico.

THADEO. Da arte nada posso dizer; na vida sei que é assim.

CONDE. Na vida, como na arte, o moralista de officio precisa ter doze mil cruzados de renda, ou um capital de philosophia que lh'os dispense... o que é muito mais difficil. Precisa a independencia da fortuna ou a do caracter. Achei vago o emprego... por signal que era o unico! .. e tomei conta d'elle. Sou *Desgenais*, sou *Olivier*, sou *Rodolpho* .. ou sou o côro antigo... como quizerem. Observo, commento, moraliso... porque não tenho doze, tenho vinte mil cruzados de renda, e um nome em que respeito, não o acaso do nascimento, mas a glòria das tradições. *(José Eduardo volta do fundo).* É sol posto para o seu coração, diga? É; está visto. Aposto que desejava ter um pretexto para seguir o astro... linguagem dos poetas do seculo passado, e dos namorados de todos os tempos.

JOSÉ. As continuadas ironias de v. ex.ª, da parte de outro talvez me offendessem... mas na sua bocca teem tal benevolencia, que mais me captivam do que me ferem.

CONDE. Por que sabe .. por que vè... que, debaixo da ironia, que vem do habito, ha um interesse real, que vem da alma.

JOSÉ. E é justamente esse interesse o que me captiva. Tenho achado sempre em v. ex.ª uma intimidade affectuosa, que não sei explicar.

CONDE. Por que não a explica pela sympathia?

JOSÉ. Por que a sympathia só se dá ordinariamente entre

pessoas da mesma classe, da mesma vida, do mesmo mundo emfim, como hoje se diz.

CONDE. Ou dos mesmos sentimentos.

JOSÉ *(sorrindo)*. A sociedade avalia menos os sentimentos, e calcula mais as posições.

CONDE. Pois que differença acha perante a rasão illustrada? Do mesmo mundo somos, creia.

JOSÉ. Eu estou no principio da escalla, e v. ex.ª no cimo d'ella. Vulgarmente a aristocracia julga descer.

CONDE. Oiça, meu amigo. Ponha de parte esses preconceitos. A aristocracia é uma virtude, quando a virtude está na aristocracia. Esta nobresa não depende dos brasões: cunha-os ella. Quem a herdou tem o dever de conserval-a; quem a recebeu de Deus tem o direito de a fazer valer no mundo. Os homens de juiso, a quem coube em legado, respeitam nos homens de bem, que a justificam, o mesmo principio que os enobreceu. Nas nossas sociedades modernas, extinctos os privilegios, ha só uma aristocracia legitima: — a da educação, da illustração e do coração. Os homens que a possuem distinguem-se entre os outros, e apreciam-se entre si, como irmãos da mesma raça. Dês que a nobresa se fez accessivel a todos, os inimigos d'ella são só os que não a sentem em si; e esses mesmos lhe prestam homenagem, tratando de compral-a... visto ser mais difficil adquiril-a. — Dito isto, desculpe a dissertação e a demora. Em compensação, aqui lhe offereço o pretexto.

JOSÉ *(sorrindo)*. Que pretexto?

CONDE. O pretexto de seguir por mais alguns momentos... *(Com intenção)*. Creio que iremos ainda a tempo. O pretexto é o meu braço... Accelta?

JOSÉ. Accelto .. admirando o.

CONDE. Acceite comprehendendo. *(Dão o braço — sahindo a Thadeo)*. Até breve, senhor Thadeo... A proposito, o que fez ao seu amigo dos memoriaes?

THADEO *(sorrindo)*. Escuso de perguntar o que fez v. ex.ª aos memoriaes do meu amigo.

CONDE. Escusa de perguntar, diz bem. São propinas do meu creado de quarto. *(Sahem)*.

SCENA VIII.

OS MESMOS *menos* O **CONDE** e **JOSÉ EDUARDO.**

THADEO. Ouviu o conde, Bento?

BENTO. Porque?

THADEO. Por que lhe não deve esquecer. A egualdade na virtude é lei de Deus; mas os maus não podem ser eguaes aos bons.

BENTO. Diz isso para me injuriar?

THADEO. Digo para o advertir.

BENTO. É uma loja de moral aqui.

THADEO. Aposto que não a deixava ir fiada, a moral? Se houvesse lojas de moral, não devia tirar-se d'ellas.

BENTO. Eu não acceito lições.

THADEO. Mas precisa-as. O commercio não exclue a boa educação. Meus paes fizeram-me estudar para outra vida, e destinavam-me a outra carreira. As circumstancias fizeram-me seguir esta, e n'ella desejo conservar a estima das pessôas distinctas que me honram com a sua amisade. Fique entendendo. — Se tornar outra vez a ter atrevimentos com as senhoras, minhas freguezas, póde-se dar por despedido. Estou estabelecido ha trinta annos, e nunca se faltou ao respeito a ninguem n'esta casa.

BENTO. Tambem não serão livres as inclinações de cada um! Quem se queixou? Grandes moralistas veem aqui. Moralistas denunciantes!

THADEO *(severo)*. Não lhe consinto mais palavra. Fica prevenido.

SCENA IX.

OS MESMOS E **JACINTHO.**

THADEO *(continuando)*. Ahi tem o Jacintho. Mande o córte de vestido á rua da Rosa visto que prometteu.

BENTO. Não, se não quer...

THADEO. N'esta casa o que se promette cumpre-se.

JACINTHO *(a Thadeo)*. O senhor Pereira manda-lhe pedir o favor de ir lá já.

THADEO. Para que?

JACINTHO. Não sei. Diz que precisa muito fallar-lhe.

THADEO. Dê-me d'ahi de dentro o chapeo. *(Jacintho vae-lh'o buscar)* Obrigado! Já volto, Bento. — É verdade. Levou os cento e cincoenta mil réis a casa dos senhores Archibald?

BENTO. Levei, esta manhã.

THADEO. E a letra?

BENTO. Entreguei o dinheiro ao segundo caixeiro. Era ain

da cedo, e nem o senhor Archibald, nem o guarda-livros, tinha vindo: como eram horas de abrir a loja, deixei-o lá para não fazer mais caminhos, e ficaram de mandar cá a letra.

THADEO. É o mesmo. É gente de verdade. Está segura. — Se vierem alguns freguezes, veja como os serve.

BENTO. Vá descançado. *(Thadeo sahe).*

SCENA X.

OS MESMOS *menos* **THADEO.**

BENTO. Vá descançado, vá. Vá-se distrahir, vá passear, vá folgar-se e espanejar-se lá por fóra, e cá ficam os seus escravos a moirejar, a trabalhar sempre, a não ter noite nem dia para o enriquecer. Ahi está a justiça d'este mundo! Por que um homem diz: « esta loja é minha », por que nos paga um salario que não chega para nada, não póde uma pessoa sentar-se diante d'elle, não póde pòr o chapeo na cabeça quando está presente, não póde sahir quando lhe parece, e é um motu continuo de trabalho! *(Cruzando os braços).*

JACYNTHO. Está feito! O trabalho agora não me parece de matar!

BENTO. Calle a bocca. Você não sabe o que diz. Porque razão sahe elle e nós ficamos aqui?

JACYNTHO. Porque o mandaram chamar. Pelos modos é coisa de negocio.

BENTO. Negocios! Pretextos. Os patrões estão todos conluiados.

JACYNTHO. Mas emfim sempre são patrões.

BENTO *(com ar de desprezo).* Por esse servilismo é que elles são o que são. — O que quer dizer patrão? Vamos, o que quer dizer?

JACYNTHO. Patrão quer dizer... parece-me que quer dizer um homem que poz uma loja, que comprou a fazenda, que responde pelo negocio e que paga aos caixeiros.

BENTO. Isso. Palavrões!... Basta chamar-se patrão para que outro homem como elle não possa sentar-se quando precisa, nem pôr o chapeu quando quer! — Se você não fosse um triste marçano havia de comprehender estas coisas. Que differença teem os homens quando nascem?

JACYNTHO. Nenhuma, isso é verdade... salvo serem uns tortos, outros desempenados; uns altos, outros baixos; uns

contrafeitos, outros completos; uns parvos, outros com juizo!

BENTO. Os homens são todos eguaes. Entretanto os caixeiros trabalham e os patrões disfructam. Tudo isto ha-de levar volta algum dia! — A mim já agora pouco se me dá. Não aturo muito tempo aqui.

JACYNTHO. Vae para outra loja?

BENTO. Nada: estabeleço-me por minha conta.

JACYNTHO. Então como faz isso? Não me disse que, o ordenado não lhe chegava para nada!

BENTO. Tenho cá um plano. — Quer você vir comigo? Está já corrente no negocio, e faço-o meu caixeiro. Quer? Verá a cara com que fica o patrão!

JACYNTHO. Se quero! Quanto dá de ordenado?

BENTO. Fallaremos depois. Eu provarei a esses fidalgos ociosos o que póde a vontade de um homem. *(Senta-se)*. E que venham ahi com as suas soberbas! Eu lhes mostrarei se a egualdade é uma palavra sem sentido.

JACYNTHO *(sentando-se tambem)*. É isso; nós lhes mostraremos que os homens são todos eguaes.

BENTO. São... todos os que tem alguma valia. Não é a nobreza, nem a riqueza, não;... é... *(Reparando)*. Quem o mandou sentar-se?

JACYNTHO. Como o senhor Bento está sentado, e os homens são todos eguaes!

BENTO. Se quer passar a caixeiro, tome sentido; olhe que eu não consinto que me faltem ao respeito.

JACYNTHO *(levantando-se humildemente)*. Que maldita egualdade será esta!

SCENA XI.

OS MESMOS E **THADEO.**

THADEO *(entrando um pouco agitado e dirigindo-se a Bento)*. A quem entregou o dinheiro d'aquellas peças de *barègés* que vieram a semana passada de casa do senhor Pereira?

BENTO *(turbando-se)*. Entreguei-o... entreguei-o ao caixeiro.

THADEO. Deixe-me vêr o recibo.

BENTO. Como estão sempre a vir fazendas de lá, combinámos que era melhor passar um recibo geral no fim do mez.

THADEO. Bem sabe que não é o costume da casa. O dinheiro não foi entregue. O meu amigo Pereira não me fallava

de certo n'uma conta que lhe não devesse; e o seu caixeiro é um homem serio, que está em sua casa ha doze annos, e que elle me affiança.

BENTO. Então o senhor Thadeo vem a dizer...

THADEO. Venho a dizer que lhe confiei uma somma de que me não póde apresentar recibo Por consideração para com seu tio não farei escandalo; mas não me é possivel conserval-o em minha casa. Está despedido. As nossas contas estão saldadas.

BENTO. Como quizer. Eu já tinha tenção de sahir...

THADEO. N'esse caso, saia já. O moço do armazem que lhe leve o bahu.

BENTO. O bahu já está fóra.

THADEO. Ah! Já? Vejo que é de precaução. *(Forte).* Saia no mesmo instante. O Jacyntho ficará tomando conta na loja.

BENTO *(entrando para o interior da loja)* O Jacyntho vae comigo.

SCENA XII.

OS MESMOS, *menos* **BENTO.**

THADEO. Então o que é isto, Jacyntho? Despede-se tambem? Tem alguma razão de queixa de mim?

JACYNTHO. Eu, não senhor. Mas o senhor Bento vae-se estabelecer, e offereceu-me o logar de caixeiro... Assim, bem vê...

THADEO. Ah! vae-se já estabelecer! em tão pouco tempo!... Está bom! Estavam combinados... É o mesmo. Não pensem que me fazem transtorno. Tinha tenção de lhe dar o tempo por acabado...

JACYNTHO. Ah! isso é outra coisa.

THADEO. Mas não me convem gente ambiciosa. — Póde ir com o seu amigo Bento.

SCENA XIII.

OS MESMOS e **UM CAIXEIRO DE FÓRA.**

(O caixeiro entra, dirige-se a Thadeo, tira uma letra da carteira e apresenta-lh'a. Em quanto tem logar esta acção, Thadeo volta-se para Jacyntho e insiste):

THADEO. Não ouviu o que lhe disse? *(Jacyntho obedece cabisbaixo e entra para o interior da loja).*

SCENA XIV.

OS MESMOS, *menos* **JACYNTHO.**

CAIXEIRO. Esta letra dos senhores Archibald... Vence-se hoje, e como não mandou lá até ao meio dia...

THADEO *(correndo pelos olhos a letra meio admirado).* Esta letra não foi paga?

CAIXEIRO. Se fosse pàga não estava na minha mão. O senhor Thadeo conhece a casa dos senhores Archibald; e sabe...

THADEO. Sei. Tem razão. Queira esperar. *(Entra para dentro do balcão, conta o dinheiro, e paga a letra).* Aqui está. É a conta?

SCENA XV.

OS MESMOS e **BENTO,** *prompto para sahir.*

THADEO. Conhece esta letra? *(A Bento).*

BENTO. Conheço.

THADEO. Sabe que vieram recebêl-a agora?

BENTO. Que tenho eu com isso? Já não sou seu caixeiro Não tenho que vêr com os seus negocios.

THADEO. E o dinheiro que lhe dei esta manhã para ir pagal-a?

CAIXEIRO *(depois de ter contado).* É a conta. Muito obrigado. *(Sahe).*

SCENA XVI.

OS MESMOS, *menos* **O CAIXEIRO.**

THADEO. Ouve? O dinheiro que lhe dei esta manhã para pagar esta letra?

BENTO. O senhor Thadeo não me deu dinheiro nenhum.

THADEO *(com um movimento furioso).* Não lhe dei!...

BENTO. Que provas tem?

SCENA XVII.

OS MESMOS, **JACYNTHO,** *tambem prompto para sahir.*
DUAS SENHORAS, O CONDE.

(As duas senhoras entram a comprar. Bento passa do balcão para a loja. O conde atravessando ao fundo pára á porta).

UMA DAS SENHORAS. Tem rendas pretas?

THADEO *(baixo a Bento).* Vá-se, antes que me deite a perder.

BENTO *(na loja)*. Escusa de ameaçar... Sou um homem como o senhor, e... e os homens são todos eguaes. *(Põe arrogantemente o chapeu na cabeça)*.

JACYNTHO *(que sahe atraz d'elle, põe tambem o chapeu na cabèça)*.

THADEO *(furioso, do balcão)*. Vá-se!

BENTO *(á porta da esquerda, por onde vae a sahir, volta-se, vê Jacyntho de chapeu na cabeça ante si, e tira-lh'o)*, Não vê que está diante do seu patrão?

JACYNTHO. Como os homens são todos eguaes...

BENTO. Vamos!... Para diante... Tens medo de constipar-te?

JACYNTHO *(indicando o chapeu que Bento conserva na cabeça)*. Eu não, e tu? *(Passa)*.

BENTO. Atrevido! *(Dá-lhe um empurrão)*. Eu te curarei *d'essa* egualdade!

SCENA XVII.

OS MESMOS, *menos* **BENTO** e **JACYNTHO.**

CONDE *(no fundo á porta dando uma gargalhada)*. Ah! ah! ah! ah!

THADEO *(que está servindo as senhoras, levanta os olhos para o conde, e exclama constristado)*. Que lhe parece, senhor conde?

CONDE *(entrando)*. Que vae subindo na escalla!

ACTO SEGUNDO.

Sala em casa de Durão, elegante e confortavel. Porta ao fundo, portas lateraes. Espelhos, *fauteuils*, sofás etc. — Ao levantar do panno estão em scena D. Emilia sentada; a baroneza em pé, e de chapeu, conchegando o penteado ao espelho Ouve-se tocar uma campainha fóra annunciando visitas.

SCENA I.

D. EMILIA e A BARONEZA.

BARONEZA. Quem será?

D. EMILIA. Alguma visita para meu pae.

BARONEZA. Não lhe hão-de faltar visitas dês que sahiu conselheiro. — O conde vem cá muita vez?

D. EMILIA *(negligentemente)*. Qual conde

BARONEZA *(sorrindo)*. Qual? — Dizes bem... Agora já em tua casa ha confusão de titulos. — Para mim não ha senão um conde.

D. EMILIA. O conde de Riba-Coa?

BARONEZA. Adivinhaste.

D. EMILIA. Interessas-te por elle?

BARONEZA. Pelo contrario: não o posso aturar.

D. EMILIA. Porque? O conde é uma pessoa estimavel.

BARONEZA. É o sarcasmo vivo. Conheço muitos homens insupportaveis; mas nenhum tão insupportavel como elle.

SCENA II.

AS MESMAS, e **UM CRIADO**, *á porta do fundo.*

D. EMILIA *(ao criado)*. Quem é?

CRIADO. O senhor conde de Riba-Coa. *(O criado sahe, o conde entra).*

SCENA III.

AS MESMAS, e **O CONDE.**

CONDE. Se sou indiscreto ou importuno, retiro-me.

D. EMILIA *(mavel)*. Nem uma coisa, nem outra; chegou a proposito.

CONDE. Chegar a proposito é a mais rara das virtudes.

BARONEZA. Ou dos acasos.

CONDE *(inclinando-se)*. Muita vez é o mesmo, senhora baroneza. *(A D. Emilia)*. A que devo eu pois esse feliz... acaso?

BARONEZA. Estavamos fallando a seu respeito.

CONDE. Então já sei: diziam mal. *(Sentam-se todos).*

D. EMILIA *(protestando contra)*. Que idéa!

BARONEZA. Diziamos que era a pessoa mais estimavel... — Não acredita?

CONDE. Em regra geral, acredito o contrario do que me dizem

D. EMILIA. Porque? Está costumado a dizer o contrario do que pensa?

CONDE. Se dissesse o contrario do que penso, haviam de julgar-me estimavel devéras. — Eu sou uma excepção.

BARONEZA. É modesto.

CONDE. Sou sincero. — *(A D. Emilia)*. O nosso conselheiro?

D. EMILIA. Está acabando o seu correio. Quer-lhe fallar?

CONDE. Vinha para isso. Mas não o perturbe; espero. Se v. ex.as querem conversar... Vejo ali os jornaes... Sepulto-me na politica, e não oiço.

BARONEZA. Pois a politica absorve-o a esse ponto, conde?

CONDE. A politica tem a influencia... de me fazer pensar n'outra coisa. *(Levanta-se e vae sentar-se á mesa dos jornaes, pegando n'um d'elles).*

BARONEZA *(baixo a D. Emilia).* Vê o que te eu dizia.

D. EMILIA *(idem).* A ironia dos modos não destroe a bondade do coração.

BARONEZA. Mas faz ataques de nervos! *(Levanta-se, vae novamente ao espelho, e volta se para o conde depois de algum silencio).* Que horas são, conde?

CONDE *(sem levantar os olhos do jornal).* Tres.

BARONEZA. Tres só?

CONDE *(idem).* Ou quatro.

BARONEZA. Quer por força desmentir-nos. Está pouco amavel.

CONDE. Pois acha pouco amavel dar-lhe occasião de me dilacerar á sua vontade?

D. EMILIA. Não era melhor provar-nos que lhe mereciamos alguma attenção mais?

CONDE. Mas se eu estou attentissimo.

D. EMILIA, Aos jornaes.

CONDE. A v. ex.a

D. EMILIA. A mim?

BARONEZA. Bom: agora passou do epigramma ao paradoxo.

CONDE *(para a baroneza).* Ainda não sahi da verdade. N'este momento estou dando toda a minha attenção á sua amiga.

BARONEZA *(dirigindo-se á mesa dos jornaes).* Melhor: passa do paradoxo ao enigma.

CONDE *(levantando-se e apresentando-lhe o jornal que está lendo).* Queira lêr.

D. EMILIA *(em quanto a baroneza lê, ao conde que se lhe dirige).* Confesso que não percebo.

CONDE. É porque as coisas naturaes são as que menos se percebem.

BARONEZA. Tem razão o conde. Estes jornaes do Porto participam sempre a Lisboa o que Lisboa ignora.

D. EMILIA. Mas que tenho eu que vêr com os jornaes do Porto?

BARONEZA (*lendo*). « Corre nos circulos elegantes que a « filha do conselheiro Durão está para casar com um tal Bento « Alves, director de um escriptorio de agencias. » — Tem algum fundamento, isto?

D. EMILIA. Não posso negal-o; tem.

CONDE. E não nos dizia nada!

BARONEZA. Ao conde não admira... mas a mim que sou a sua melhor amiga!

CONDE. Ha mez e meio.

BARONEZA. As amizades não se contam pelo tempo. (*A D. Emilia*). Não esperava isso de ti.

D. EMILIA. Não tinha tido occasião.

BARONEZA (*um pouco picada*). Eu tambem não sollicito confidencias.

D. EMILIA (*dando-lhe um beijo*) Não te escandalises, menina. Eram ainda coisas particulares.

CONDE (*sorrindo*). Particularissimas, na verdade.

BARONEZA. Porque diz isso?

CONDE. Porque âcho muito singular.

BARONEZA. O casamento, ou o segredo?

CONDE. O segredo só tem a singularidade... de vir nos jornaes.

BARONEZA. E o casamento?

CONDE. Não sou parente dos noivos. Permitta-me não dar a minha opinião.

D. EMILIA. E se eu lh'a pedisse?

CONDE. Não pede de certo.

D. EMILIA. Conhece-o... a pessoa de que falla o jornal?

CONDE. Conheço, e... conheci.

D. EMILIA (*levantando-se*). Vou vêr se meu pae já acabou de escrever.

BARONEZA (*baixo ao conde*). Quer evitar explicações.

CONDE. É uma razão para v. ex.ª as provocar, não é verdade?

BARONEZA. Aonde vaes, Emilinha? Enfada-te a nossa companhia? (*D. Emilia detem-se*). Vamos: o conde não tem pressa, e eu não sou de reservas. Fallemos no teu casamento, visto que está quebrado o sigillo. É interessante o assumpto, e eu quero desforrar-me do tempo perdido. (*Voltando-se para o conde*) Avie-se, conde. Não vê que estou morta por conhecer o feliz mortal.

CONDE *(voltando-se para D. Emilia)*. Dá licença?

D. EMILIA. Não ha mysterios. *(Sentam-se todos novamente)*.

BARONEZA *(curiosamente)*. Vamos a vêr. Deus queira que não venha agora minha tia buscar-me. *(Ao conde)*. Quem é? Disse-me que tambem eu o conhecia.

CONDE. Intimamente.

BARONEZA. É pessoa da nossa sociedade?

CONDE. Havia so a distancia... de um covado.

BARONEZA. De um covado!

CONDE. E de um balcão.

BARONEZA *(para D. Emilia)*. Que é isto, menina?

CONDE. Havia; mas já não ha. O balcão fez-se degrau...

BARONEZA. Para?...

CONDE. Para um *coupé*.

BARONEZA. Ah!... Espere. Eu conheci um Bento... o nome não promette, mas o nome não faz nada ao caso... Deixe vêr se me lembra... Não se chamava Bento, aquelle caixeiro...

CONDE. O caixeiro resmungão da loja do meu amigo Thadeo. Adivinhou.

D. EMILIA *(picada)*. Herdou uma fortuna de oitenta contos.

BARONEZA. E quem lhe deixou todo esse... merecimento?

D. EMILIA. Um tio que lhe morreu...

CONDE. Assassinado, nas charnecas do Alemtejo.

BARONEZA. O tio morreu, elle herdou, e tu casas!... *(Suspirando)*. Que felicidade!... Oitenta contos!...—Não se enthusiasma, conde?

CONDE. Pois não me hei-de enthusiasmar, baroneza! Quem não ha-de enthusiasmar-se vendo duas meninas, ambas formosas, prendadas, na flôr da vida, fallando no casamento sem uma palavra de amor, e calculando a especulação sem um receio do futuro?—É moda em França fazer comedias do jogo de fundos. Parece-me que não seria menos fecundo assumpto o jogo dos casamentos.—Que pena não se cotarem os maridos na praça!

BARONEZA. Essas coisas não se dizem, conde.

CONDE. Não fazem-se.

SCENA IV.

OS MESMOS, e **O CRIADO.**

CRIADO. A senhora D. Helena manda dizer que espera pela senhora baroneza na carruagem. *(Sahe)*.

SCENA V.

OS MESMOS, *menos* **O CRIADO.**

BARONEZA. Não me posso demorar. Temos de ir fazer ainda uma visita. Os meus parabens, Emilinha. Deixa fallar o conde. Já não estão em moda os Antonys ..

CONDE. Estão em moda os Harpagons... Typo seductor!

BARONEZA. E a fortuna, crê, não faz mal ao coração.

CONDE. Quando o coração é do tamanho da fortuna.

BARONEZA *(dando-lhe o beijo de despedida).* Adeus. *(Ao conde).* Quando nos dá por concluido o seu curso de moral?

CONDE. Quando v. ex.ª achar... outro Bento Alves.

BARONEZA *(á porta).* Não lhe levo a mal o desejo *(Sahe).*

SCENA VI.

D. EMILIA e **O CONDE.**

D. EMILIA *(voltando, depois de tomar o seu logar; levantando os olhos e a voz passados alguns momentos de hesitação).* Vejo que me julga com muita severidade, senhor conde.

CONDE. Com severidade, não: com interesse. Conheço-a hoje melhor do que a conhecia: e sei que lhe luctam no espirito dois instinctos oppostos. Venceu o que lhe é inspirado pela atmosphera em que vive: era natural. O seu juiz mais severo é o seu proprio sentimento. Não é isto, minha senhora?

D. EMILIA. Queira ouvir, senhor conde. Tenho fé no seu caracter e desejo merecer a sua estima. Uma serie de circumstancias, que é inutil relatar-lhe, collocou a minha familia na dependencia do homem a quem vou ligar-me.

CONDE. Já o sabia. Os recursos de seu pae são inferiores á sua posição; e d'ahi nasceu...

D. EMILIA. Permitta-me que não falle de meu pae. As suas idéas foram sempre vêr-me feliz, e o meu dever é ser-lhe grata. Só lhe posso dizer que este casamento... é uma necessidade! *(O conde inclina-se).* Estou justificada?

CONDE. Creia que sou digno da sua confiança.

D. EMILIA *(levantando-se).* Agora, dê-me licença: vou prevenir meu pae da sua visita.

CONDE. Ia-lh'o pedir, dês que sahiu a baroneza. *(D. Emilia sahe)*

SCENA VII.

O CONDE, *só.*

CONDE. A baroneza nasceu sem coração. Esta cuida-lhe dos funeraes. — Coitada! Tenho pena. Agouro lhe mal o futuro.— O erro vem da educação. Fazem-lhes tomar o gosto ás vaidades; veem a desejar o que não podem; e quando a razão lhes diz que ha mais alguma coisa do que a riqueza... é já tarde. A primeira pagina da vida foi um prospecto: o resto d'ella é um arrependimento.

SCENA VIII.

O CONDE e **DURÃO.**

DURÃO. Só agora sube que estava aqui, senhor conde. Peço perdão se esperou.

CONDE. Estive em tão boa companhia que era prazer esperar.

DURÃO. E em que posso eu ter o gosto de servir a v. ex.ª?

CONDE. Póde obsequiar-me infinitamente empenhando-se por um negocio, que está na sua mão resolver.

DURÃO. É tão raro v. ex.ª sollicitar, que basta isso para ninguem se eximir. Como diz que está na minha mão...

CONDE. Está... quasi tudo. Queira ouvir, meu caro conselheiro. Sei que foi encarregado de apresentar ao ministro da marinha as propostas dos empregados civis e militares do ultramar, que hão-de partir no brigue. Pertence-lhe por tanto a indicação e a escolha, o que, n'este caso, equival á nomeação.

DURÃO. Effectivamente, fui encarregado; mas não tenho n'isso iniciativa arbitraria. A justiça relativa dos pretendentes...

CONDE. Está visto. Eu interesso-me por um que é seu conhecido... aquelle estudante que lhe apresentei ha dois annos, lembra-se?

DURÃO. Não me recordo.

CONDE. Pouco importa. Acabou o curso de ingenharia, e deseja servir no ultramar, onde póde distinguir-se por serviços relevantes. Instiga-o o nobre ardor de alcançar, por meios licitos, uma posição honrosa; e, creia, são estes os homens mais uteis á patria. Accrescente a isto um caracter sem mancha, e um talento superior. Não julga bastante?

DURÃO. Julgo demais. Admiro só que um homem d'esses se subjeite a ir para o ultramar.

CONDE. Já lh'o disse: quer e precisa andar depressa... Queria, pelo menos.

DURÃO. No reino ha falta de homens.

CONDE. Mas sobra de empenhos Quando conseguiria ser attendido? Se procurassem os homens para os empregos, bem. Mas se inventam os empregos para os homens! Para ali será mais facil, por haver menos concurrencia. Fica pela minha abonação?

DURÃO. Completamente. E, se v. ex.ª permitte, vou já formular a proposta, expondo circumstanciadamente ao ministro, n'um relatorio especial, todas as vantagens que se podem tirar d'uma aptidão d'essas.

CONDE. Para isso é natural que deseje saber o nome e ver os documentos. Ha-de dar licença que lhe apresente o meu afilhado. É já a segunda vez... *(Sorrindo).* mas d'esta conto ser melhor succedido.

DURÃO. V. ex.ª diz?

CONDE. Vou buscar-lh'o, se consente. *(Para partir).*

DURÃO *(inclinando se).* Com mil vontades.

SCENA IX.

OS MESMOS e **BENTO ALVES.**

BENTO *(da porta).* Dá licença, conselheiro? *(Entrando.)* Fui entrando como pessoa de casa... *(Reparando no conde e seccamente).* Queira desculpar, conde... Não o tinha visto.

CONDE *(ironico.)* Está sempre desculpado... *(acentuando) senhor* Bento Alves *(Para partir).*

BENTO. Diz-me esse *senhor* de um modo!...

CONDE *(volvendo).* Trata-me com tanta familiaridade, que eu preciso tratal-o com todo o respeito... para nos distinguirmos.

BENTO. Ah! intendo. Que quer v. ex.ª? Sou um homem de negocio. Tenho a casaca lisa, e um nome sem inchassos. Creio muito na importancia da classe que, fazendo circular os capitaes, engrandece as nações; e não vejo utilidade n'essas alcunhas, que se chamam titulos, e não significam uma só empresa proficua.

CONDE *(sorrindo)* Engana-se: ha titulos que importam industrias... muito rendosas.

BENTO. V. ex.ª diz o que entende: eu tambem.

CONDE. Agradeça, conselheiro.

DURÃO. Cada qual tem o seu modo de ver!

CONDE. O senhor Alves vê hoje a futilidade dos titulos como via d'antes as tyrannias da classe media.

BENTO. A classe media é incontestavelmente a mais util.

CONDE. E ha dois annos incontestavelmente a mais odiada.

BENTO. As opiniões modificam-se.

CONDE. De certo. Ha gente que passa toda a sua vida a modificar as suas opiniões. Por que não ha-de, d'aqui a outros dois annos, chegar a vez da . da modificação... aos titulos?

BENTO. É preci.o não confundir.

CONDE. Pois que digo eu? Cumpre não confundir. Na confusão lucram só as vaidades sem nobresa. Ha titulos que sepultam as pessoas; e ha pessoas que illustram os titulos. Não se confundem. O titulo dado a um Vasco da Gama, por descobrir a India, ha-de sempre differençar-se de titulo vendido a um traficante por... por despovoar a Africa. *(Cumprimentando)* Seu creado. *(Sahe).*

SCENA X.

OS MESM S, *menos* O **CONDE.**

BENTO *(com entranhado rancor, áparte).* Como hei-de eu humilhar este homem?

DURÃO. Conhecendo-lhe o genio fez mal em provocal-o.

BENTO. Eu não peço conselhos, e o ser conselheiro não o authorisa...

DURÃO. Bem. È inutil exaltar-se. Se não tem mais que dizer-me, ha-de desculpar: tenho que escrever... *(Toca a campainha; apparece o criado).*

SCENA XI.

OS MESMOS E **UM CRIADO.**

DURÃO. Diga á senhora D. Emilia que veiu o senhor Alves.

CRIADO. Está lá fóra um sujeito que deseja fallar a v. ex.ª

DURÃO. Mande entrar. *(O criado sahe).*

SCENA XII.

OS MESMOS *menos* O **CRIADO.**

BENTO *(áparte).* Difficil a explicação; mas necessaria! *(Alto).* É muito urgente o que tem que escrever?

DURÃO. É um relatorio para o ministro da marinha.

SCENA XIII.

OS MESMOS e **LUIZ DAS MERCES.**

LUIZ *(á porta)*. Para o ministro da marinha?... *(Entrando)* Aqui trago eu justamente um memorial... *(Entrega-o, Durão percor.e-o com os olhos — Vendo Bento Alves)* Oh! meu illustre amigo! *(tomando-o de parte)*. Bem podia dizer duas palavras a respeito da minha pretenção. Se quizesse, estava eu servido. Sabe-se geralmente que tem uma influencia decisiva no nosso conselheiro.

BENTO *(tambem de parte)*. Engana-se.

LUIZ. Toda a gente diz que está para casar com a filha. Vem até nos periodicos.

BENTO. Os periodicos mentem muita vez. *(Affasta-se)*.

LUIZ *(attonito)*. Que me diz?

DURÃO *(depois de ler)* Sinto muito, mas é-me impossivel servil-o. O logar que pede...

LUIZ. Olhe v. ex.ª que é para um sobrinho de minha mulher.

DURÃO. O logar que pede está destinado a outro. É o unico de que se póde já dispor. Quando entrou, não viu o conde de Riba-Coa?

LUIZ. Vi.

DURÃO. Sahia d'aqui. Veiu expressamente recommendar-me outro pretendente, que, segundo me informou, reune condições muito superiores ás d'este.

LUIZ. Superiores!... V. ex.ª talvez não reparasse... é sobrinho de minha mulher!

DURÃO *(sorrindo)*. Parece-me que o ser sobrinho de sua mulher não é qualidade indispensavel para servir no ultramar.

LUIZ *(desconsolado)*. Não; mas era o primeiro que me ficava por empregar.

BENTO. Pois descance que não passa por esse desgosto.

LUIZ. Sim! *(Alvoroçado)*. Por que?

BENTO. Por que o senhor conselheiro Durão propõe o seu parente.

DURÃO. Eu! *(A Luiz)*. Já lhe disse que...

BENTO. É empenho meu. Peço-lh'o com a maior instancia.

DURÃO. E o que eu prometti ao conde? Ha-de contrarial-o.

BENTO *(comsigo)*. Por isso mesmo. *(Alto)*. Vem então a dizer que faz mais caso do conde!

DURÃO. Não, isso não. Mas é que o afilhado do conde tem mais justiça.

BENTO *(exaltado)* Não admira: basta ser recommendado por um conde.

DURÃO. Reune todas as circumstancias necessarias, em quanto o outro...

BENTO. O *senhor* conselheiro não póde deixar de attender ao *senhor* conde! Cá a gente do commercio só serve para dar o seu dinheiro...

DURÃO *(baixo)*. Ao menos não me envergonhe diante de gente!... *(Alto a Luiz)* Eu desejava servil-o; mas realmente, na minha consciencia, não sei...

LUIZ. Ora! Tomára eu que v. ex.ª quizesse. . e como o senhor Alves se interessa...

DURÃO. Mas emfim, o que hão-de dizer?

BENTO. Hão-de dizer que serve a quem o serve. É justiça.

DURÃO *(comsigo)*. Va-lha-me Deus com estas condescendencias! *(Alto a Bento)* Quer?

BENTO *(com intenção)*. Peço.

DURÃO *(a Luiz)*. Conte com o despacho. *(Suspirando)*. Proponho o seu afilhado em logar do outro. *(A Bento)* Está satisfeito?

BENTO. É para provar ao conde que a sua influencia é menor que a sua arrogancia.

SCENA XIV.

OS MESMOS E **D. EMILIA.**

D. EMILIA *(indo a Bento)*. Perdôe se não vim logo. Estava... *(Vê Luiz e cumprimenta)*.

DURÃO *(áparte a Bento)*. Faça-a feliz, para que eu não me arrependa! *(A Luiz)* Vou escrever a proposta. *(Sahindo)*.

LUIZ. Mil vezes obrigado. Beijo as mãos de v. ex.ª *(a Bento)* Não sei como lhe hei-de agradecer... *(Entregando-lhe outro memorial)* Visto que tem uma influencia d'estas, se quizesse encarregar-se de mais esse...? É para um irmão de um primo de meu cunhado... *(Vendo que elle não lh'o recebe e pondo-o sobre a mesa)* Aqui lh'o deixo. *(Depois de cumprimentar D. Emilia, a Bento)* Então sempre é certo o que se diz.

BENTO *(preocupado)*. Quem sabe? *(Luiz sahe)*.

SCENA XV.

BENTO e D. EMILIA.

D. EMILIA. Estava-lhe escrevendo quando me annunciaram a sua visita.

BENTO. Porque? Era coisa urgente?

D. EMILIA. Particularidades ha que é mais facil confial-as ao papel do que tractal-as em conversação.

BENTO. É verdade. *(áparte)*. Está achado o modo da explicação. Falta o pretexto.

D. EMILIA. Queira ler. *(Apresenta-lhe uma carta)*.

BENTO *(recebendo-a)*. A lembrança é original. Entregar me uma carta em mão propria para ser lida á vista...

D. EMILIA. Peço-lhe que não ria, porque o contheudo d'essa carta é serio. *(Bento está lendo)*. Imagine que não lê, e que me ouve. *(Longa pausa)*. Leu?

BENTO. Li. Recorda-me aqui o que se passou ha dois mezes. Não o nego, fui culpado d'um excesso de amor...

D. EMILIA. E eu de um excesso de fraquesa: quero crel-o. Hoje, reflectindo, não posso acreditar que tivesse animo para levar a effeito aquellas ameaças de diffamar meu pae, por causa das sommas que elle lhe deve. Estava cego, não mediu o que disse. Eu fiquei tremendo; não sube resistir. Foi culpa de ambos. Não o accuso só Mas esta culpa teve... Queira ler.

BENTO *(acabando de ler rapidamente e exclamando)* Pois é possivel?

D. EMILIA. É. *(Limpando as lagrimas)*.

BENTO *(áparte)*. A situação vae-se complicando.

D. EMILIA. Agora escute-me. A par d'aquellas ameaças fez-me tambem solemnes promessas.

BENTO *(áparte)*. Se eu adivinhasse! *(Alto)*. Já faltei a ellas?

D. EMILIA. Oiça. O nosso enlace é hoje uma coisa publica e annunciada. Mas isso é o menos. O mais grave são as consequencias que n'essa carta lhe participo.

BENTO. Eu não sabia...

D. EMILIA. Por isso me cumpria dizer-lhe o que n'este caso tanto custa... Sabe-o agora.— D'antes seguia-me por toda a parte. Tudo eram offerecimentos e obsequios. Não sahia de nossa casa. Esta assiduidade obrigou meu pae a interrogal-o ácerca das suas intenções.

BENTO. E qual foi a minha resposta?

D. EMILIA. Foi satisfactoria, convenho. Em consequencia d'essa resposta, a sua intimidade tornou-se d'ahi por diante ainda maior... tamanha; que deu logar... ao que se passou Entretanto, desde essa occasião as suas visitas são cada vez menos frequentes.

BENTO. Os meus negocios ..

D. EMILIA *(fitando-o).* Multiplicaram-se?

BENTO *(turbando-se).* É indispensavel ir tractando dos arranjos necessarios para...

D. EMILIA. Mas d'esses não vejo eu que tracte.—Permittame que lhe pergunte para quando fixa a nossa união? Sabe que tenho direito de lhe fazer esta pergunta, porque não posso esperar... porque se este casamento se demora terei eu de esconder do mundo o rubor que accende a vergonha, e as lagrimas que attestam a fragilidade.

BENTO. Descance, senhora D. Emilia. Ainda agora vinha eu pedir a seu pae...

D. EMILIA. Isso não é responder ao que lhe pergunto.—O que veiu pedir a meu pae foi que o servisse n'um empenho: ouvi.

BENTO. Não vinha para isso, mas pedi... Pedi para fazer vêr ao tal senhor conde de Riba-Coa...

D. EMILIA. Supplico-lhe que não diga mal d'elle diante de mim. É uma pessoa que estimo e que respeito; e se todos o imitassem...

BENTO *(sarcastico).* Ah! sim! *(Áparte).* Está achado o pretexto.

D. EMILIA. Em summa: que diz?

BENTO. Digo que hoje mesmo lhe darei uma resposta definitiva.

D. EMILIA. Descanço na sua palavra. Desculpe se lhe fallei severamente: severos são tambem os deveres que a minha posição me impõe... por mim... e pelos meus! *(Tocam fóra a campainha a visitas).* Vem visitas. Dê licença que me retire. *(Sahe).*

SCENA XVI.

BENTO, *só.*

BENTO *(scismando).* Prender-me já!... e com a filha de um empregado!... Nas minhas circumstancias posso aspirar á familia de um titular... e com o andar dos tempos... quem sabe?... *(Vae a sahir).*

SCENA XVII.

BENTO, O CONDE e JOSÉ EDUARDO.

BENTO *(ironico)*. Peço desculpa de sahir quando entram. Sei que vem a negocios, e eu ia tambem tractar dos meus. *(Movimento de José Eduardo ao vêl-o)*.

CONDE *(ao criado que os conduziu)*. Se o senhor conselheiro está a escrever não o interrompa: temos tempo, esperamos. *(Voltando-se com soberano despreso para Bento)* Póde entrar ou sahir como e quando quizer. Eu não reparo. *(Bento faz um gesto de ameaça e sahe)*.

SCENA XVIII.

O CONDE e JOSÉ EDUARDO.

JOSÉ. Horrorisa-me encontrar este homem.

CONDE. Traz o papel?

JOSÉ. Fui buscal-o a casa como me disse. *(Tira um pequeno papel)*. Eil-o.

CONDE. Confia-m'o?

JOSÉ *(entregando lh'o)*. A v. ex.ª tudo.

CONDE. Não se ha-de arrepender. — Confesso-lhe que não esperava tanto.

JOSÉ. Dizendo-me que se tractava do casamento d'esse homem com a senhora D. Emilia, era dever meu contar-lhe quanto sabia.

CONDE. Fez muito bem.

JOSÉ. Já me tinha conformado com a perda total de loucas esperanças... Despedi-me d'ellas, e por isso desejo ir para longe... Mas vêl-a em poder de tal fera... isso não.

CONDE. Fez muito bem, repito. Pela minha parte estimo ter-lhe contado o que havia. Estive para lh'o encobrir; mas entendi que era melhor desenganal-o. *(Lendo o papel que lhe deu José Eduardo)*. « Morro assassinado por meu sobrinho Bento Alves. » É claro. — Ainda me não contou bem o modo porque este papel lhe veiu parar ás mãos.

JOSÉ. Não disse já a v. ex.ª que foi nas ultimas ferias grandes, antes de acabar o curso?

CONDE. Disse.

JOSÉ. Tinham-me mandado fazer serviço em cavallaria cinco. Sahira uma tarde a passear pelos arredores da cidade, quando, de repente, oiço um tiro; e, pouco depois, vejo passar por mim, n'um galope espantado, uma egua arreada, mas sem ca-

valleiro. Corro immediatamente ao sitio d'onde ouvira o tiro; e vejo, á beira da estrada, um homem já de edade, estendido sem accordo, atravessado com dois zagallotes pela garganta. Chego-me: respirava ainda. Chamei um trabalhador, que ia passando casualmente, e que tambem sentira o estrondo...

CONDE. Deu esse noticia do assassino?

JOSÉ. Nenhumas. — Chamei-o, e conduzimos o ferido para o *monte* (*) mais proximo. Era um casal ermo. O movimento fizera tornar a si o infeliz. Perguntei-lhe se sabia quem o pozera em tão lastimoso estado. Respondeu-me que sim por acenos, pois que as feridas não lhe deixavam proferir uma palavra, e pediu por signaes que lhe dessem um tinteiro.

CONDE. E achou-se?

JOSÉ. Não foi facil; mas achou-se. — Escreveu então essas duas linhas luctando com a morte, e expirou entregando-m'as.

CONDE. E em Evora dizia-se alguma coisa a respeito d'este Bento?

JOSÉ. Dizia. — O tio, — o assassinado, — sabendo que elle tinha em Lisboa um comportamento irregular, mandara-o ir para a terra. Em casa mostrou-se, ao principio, tão submisso, que o tio não só lhe perdoou, mas instituiu-o herdeiro de toda a sua fortuna, que, pelos modos, era mais consideravel do que geralmente se suppunha. Apenas soube que estava feito o testamento, mudou immediatamente; e taes desgostos deu ao pobre homem, que este resolveu-se a pôl-o fóra de casa, e a ir a Evora fazer novo testamento, repartindo os bens pelos outros parentes. Parece que o sobrinho estava prevenido; e a catastrophe que lhe contei aconteceu na propria tarde em que o velho se dirigia á cidade.

CONDE. Presumia-se por tanto que fôra elle o assassino, esperando o tio na estrada, para entrar na posse que já lhe tardava, e evitar que a fortuna passasse a outras mãos?

JOSÉ. Dizia-se em voz baixa; mas não havia provas.

CONDE. Não tinha a prova em seu poder?

JOSÉ. Consultei um advogado expondo-lhe o facto, como se indagara um ponto de doutrina juridica, e respondeu-me «que um testimunho só não constituia prova.»

CONDE. É verdade.

JOSÉ. Callei-me portanto. Era metter-me em trabalhos, e

(*) Chamam-se *montes*, no Alemtejo, as granjas distantes do povoado.

nada remediava já. E o que mais me decidiu a callar-me foi vêr que as murmurações dos primeiros dias se convertiam em mostras de consideração, quando se soube a inesperada importancia da fortuna herdada.

CONDE. Não admira.

JOSÉ. Agora porém é outra coisa. Estou disposto a tudo para acudir a essa pobre menina. Cegue-a embora o oiro: não a macule o sangue..

CONDE. Não ha-de ser preciso muito. Este papel ainda tem poder bastante para atalhar um grande mal... *(sorrindo)* e restituir-lhe grandes probabilidades.—Estima-as, não o negue. *(Toca a campainha).*

JOSÉ. Que faz? *(Apparece um criado).*

CONDE *(ao criado).* Póde dizer á senhora D. Emilia que preciso dar-lhe duas palavras? *(O criado sahe).*

JOSÉ. Salve-a d'essa desgraça, senhor conde, e nada mais lhe peço. Se ella não soube avaliar o affecto que eu lhe tinha, é inutil esperar.

CONDE. Faltava-lhe a experiencia, andava hallucinada. Deixe-a abrir os olhos, e verá que ha-de apreciał-o.

JOSÉ. Dirá talvez que affronto os seus desdens, e calumnio um rival.—Não, senhor conde, não quero ser nem suspeitado de taes baixezas. Falle-lhe v. ex.ª, previna-a; mas nem uma palavra a meu respeito. Visto que o senhor conselheiro não póde ainda fallar, permitta que me retire. Volto logo a saber do meu despacho. Quanto mais depressa partir, melhor.

CONDE. Vá e volte. É melhor; tem razão. Confie porém em mim, e deixe-me ter esperanças... por sua conta. Vá, que ella ahi vem. *(José Eduardo sahe).*

SCENA XIX.

O CONDE, *só.*

CONDE. Se os oitenta contos não cahem demolidos com uma explosão d'estas... *(Indicando o papel).*

SCENA XX.

D. EMILIA e **O CONDE.**

D. EMILIA. Não me enganaram. V. ex.ª outra vez! e procurando-me expressamente!...

CONDE. Expressamente. Prepare-se para me ouvir... e para não se admirar. *(Sentam-se)*. Diga-me, está convencida de que eu sou um homem de bem?

D. EMILIA. Formalmente convencida. — Mas essa solemnidade, que não está nos seus habitos, assusta-me.

CONDE. Fallo-lhe gravemente, porque o assumpto é grave. — Acredita que, a dar-lhe conselho, não lhe daria senão um conselho sisudo, por serios motivos, e exclusivamente para seu bem?

D. EMILIA. Acredito.

CONDE. Então oiça, minha senhora; e creia que, para vir a sua casa, e d'este modo, intrometter-me em coisas em que me não pediu parecer, sou necessariamente movido por imperiosas razões.

D. EMILIA. Mas que é, senhor conde? Pelo amor de Deus, não vê que estou tremendo!

CONDE. O que é?... Perdoe-me a inconveniencia d'esta intervenção, e por ella verá que não estamos em circumstancias ordinarias. — Senhora D. Emilia, se quer evitar a sua desgraça, desmanche esse casamento em que fallámos

D. EMILIA *(tristemente)*. Não disse eu já a v. ex.ª que este casamento era inevitavel?

CONDE. Porque? Pela dependencia de alguns reaes? Não se prenda com isso, minha senhora. São quinhentos, seiscentos, oitocentos mil réis? Respondo por essas dividas, e seu pae me pagará quando quizer... *(Movimento de D. Emilia)*. Sou eu que lhe fico obrigado. Evita-me um remorso. — Sobeja-me o capital; ponho a render uma parcella d'elle. A sua felicidade me pagará os juros... É negocio de usura para mim.

D. EMILIA *(limpando as lagrimas e atalhando-o)*. Não continue, senhor conde. Posso admiral-o, e não sei agradecer-lhe. Comprehendo a elevação do sentimento que o inspira, fica-me no coração um reconhecimento profundo; mas...

CONDE. Não lhe admitto «mas», senhora D. Emilia. Se o seu casamento com aquelle homem é, como tantas vezes tem succedido, uma condescendencia forçada, para saldar obsequios interesseiros, filhos de um calculo sordido, bem vê que já não tem direito de escravisar o seu futuro quando póde tão facilmente remil-o.

D. EMILIA. Menos facilmente do que v. ex.ª suppõe. Conheço bem o valor d'esses generosos offerecimentos. .

CONDE. Não conhece bem o meu empenho.

D. EMILIA. Conheço. Ha pessoas a quem não custa dever. São raras; mas v. ex.ª é d'essas. Tenho aprendido a distinguil-as.

CONDE. Que duvidas tem então?

D. EMILIA. Mas o mundo que diria, se soubesse que v. ex.ª tinha pago as dividas de meu pae para eu poder desmanchar o meu casamento? Que conjecturas se não seguiriam? V. ex.ª bem o sabe: os nobres desinteresses não são facilmente acreditados.

CONDE. Tem razão. Quem póde porém ir dizer ao mundo...

D. EMILIA. Quem? A malignidade.

CONDE. Respeito esses escrupulos; mas não me convencem. As supposições temerarias desmente-as uma vida pura. A escravidão odiosa, imposta por esse modo, só acaba com a morte. Não ha comparação.

D. EMILIA. E se da minha parte não fôr um sacrificio, mas um acto voluntario?

CONDE. Como! Seria possivel uma sympathia entre genios, indoles, educações, e modos de pensar tão diversos?... *(Reflectindo)*. Será. — É raro, mas tem-se visto. *(Resoluto)*. Embora, minha senhora. Se o ama, esconda esse amor, combato-o, procure vencêl-o. . Ha-de vencêl-o! — Soffra, mas não se ligue.

D. EMILIA *(levantando-se, ao conde)*. É inutil prolongar uma conversação que não póde ter resultado.

CONDE. Assim, a sua resolução?...

D. EMILIA. É irrevogavel.

CONDE. Deus bem sabe que eu queria evitar esta extremidade. Mas v. ex.ª obriga-me. *(Mostra-lhe o papel que lhe confiara José Eduardo e que até ali conservara fechado na mão)*. Não ha resoluções irrevogaveis em presença de... Queira lêr esse papel.

D. EMILIA *(affastando-o com a mão)*. Perdoe, senhor conde. *(Anciosa)*. Esse papel contem a prova de algum impedimento por parte do senhor Alves?

CONDE. Não. O impedimento ha-de vir de v. ex.ª em o lendo.

D. EMILIA. N'esse caso não leio.

CONDE. Por que?

D. EMILIA. Já o disse a v. ex.ª: este casamento é uma necessidade. *(Para retirar-se)*.

CONDE *(detendo-a)*. Mesmo pagas as dividas?

D. EMILIA *(como acima).* Mesmo pagas as dividas.

CONDE *(como acima).* Seja qual fôr a revellação que se ache n'este papel?

D. EMILIA *(como acima).* Seja qual fôr a revellação que se ache n'esse papel.

CONDE *(como acima).* É uma obstinação que não comprehendo; mas o meu dever é salval-a, mesmo a seu pesar. Se não quer ver este papel, não póde esquivar-se a ouvil-o; e veremos depois... *(Dispondo-se a ler).*

D. EMILIA *(n'uma explosão vehemente, juntando as mãos com o impeto de uma afflicção longamente reprimida).* Oh! senhor conde, a sua amisade é cruel!...

CONDE *(que ia a ler, detendo-se ao inesperado movimento).* Que? *(percebendo).* Oh!... Infeliz!... *(Guardando o papel. Aparte).* Tem rasão. Agora é inutil que saiba.

D. EMILIA *(levantando timidamente os olhos para elle, como instigada d'uma invencivel necessidade de verificar o effeito das suas palavras, notando a comiseração com que o conde a contempla, e fugindo com o lenço nos olhos, afogada em lagrimas).* Não se obriga assim ninguem a morrer de vergonha!

SCENA XXI.

OS MESMOS e **DURÃO.**

D. EMILIA *(caindo nos braços de Durão que entra).* Oh! meu pae!

DURÃO. Que é isto, menina? Que foi senhor conde?

CONDE. Tivemos uma pequena altercação, eu e a senhora D. Emilia, em quanto esperava por v. ex.ª

DURÃO. A respeito?

CONDE. A respeito do seu casamento. *(D. Emilia levanta o rosto do seio do pae, e adiantam-se ambos).*

DURÃO. Ah! sabe já?

CONDE. Sabe.—É um capitulo que interessa sempre as meninas, e sempre desafia a veia epigrammatica dos solteirões como eu. Fiz-lhe algumas objecções, que a affligiram mais do que eu esperava... *(ponderando)* e peço sinceramente perdão se commetti uma offensa... que não estava nas minhas intenções! *(D. Emilia agradece-lhe com o olhar).*

DURÃO *(a D. Emilia).* Ora vamos... Criancices tuas!... O senhor conde é nosso amigo deveras

CONDE. Muito deveras!

DURÃO. E não podia querer... Acabou-se. — Estão feitas essas pazes?

CONDE *(a D. Emilia com affectuoso respeito)*. Creia que estou profundamente arrependido da minha insistencia... em assumptos que lhe foram desagradaveis.

DURÃO. Em pontos de casamento, ninguem a contradiga; e a esse respeito sigo eu o rifão velho: « o casamento e a mortalha no céo se talha »... Estimo porém que o noivo lhe quadre.

CONDE *(áparte)*. Desgraçada!

DURÃO. Por que preciso vêl-a feliz para ficar satisfeito.

CONDE. A senhora D. Emilia deu-me rasões que me deixaram convencido... *(Voltando-se para ella e inclinando-se)* e obrigado!

D. EMILIA *(áparte)*. Que situação esta meu Deus!

CONDE *(reparando)*. Como ella soffre! *(Alto e mudando de assumpto)*. Já sabe o que me trouxe aqui, meu caro conselheiro?

DURÃO *(um pouco turbado)*. Sei, e a fallar a verdade preciso tambem que v. ex.ª se mostre indulgente.

CONDE. O meu afilhado não tarda. Dá licença que entre apenas chegar?

DURÃO. Pois não.

SCENA XXII.

OS MESMOS e o **CRIADO.**

CRIADO. Uma carta do senhor Bento Alves.

DURÃO Dê cá. *(Recebe-a)* Em vindo um sujeito... *(Ao conde)* Que signaes tem?

CONDE *(ao creado)*. Aquelle militar que entrou comigo ainda agora.. *(A Durão)*. Como v. ex.ª estava a trabalhar.

DURÃO. Ora por que não me disseram!

CONDE. Eu é que não quiz... Foi aproveitar o tempo n'umas voltas, mas não tarda.

DURÃO. Logo que chegue faça-o entrar. *(O criado sahe)*.

SCENA XXIII.

OS MESMOS *menos* O **CRIADO.**

D. EMILIA *(a Durão)*. Para quem é a carta do senhor Alves?

DURÃO. Curiosa!... Para mim. — Estas noivas imaginam sempre...

D. EMILIA *(áparte)*. Valha-me Deus! Não sei o que me adivinha o coração

DURÃO *(ao conde, designando a carta)*. Dá licença? *(O conde inclina-se; Durão abre, lê, e dá mostras de viva agitação).*

D. EMILIA *(por extremo anciosa)*. Que é?

CONDE *(Idem, seguindo os movimentos de Durão)*. Está transtornado!

DURÃO *(acabando de ler e caindo na cadeira ao lado da mesa)* Depois d'isto publico!...

CONDE *(correndo a elle com D. Emilia)* Que tem, senhor Durão?

DURÃO. Sabe tudo. — Queira ler. *(Dá-lhe a carta).*

CONDE *(lendo)*. « Senhor conselheiro. — Sua filha escolhe as « suas predilecções exactamente nas minhas antipathias. Pri- « meiro foi um estudante da polytechnica; hoje é o tal senhor « conde de Riba-Côa. Defende-o e exalta-o, e agora mesmo, « sahindo de sua casa, encontrei ambos entrando. » *(Vivo a Durão)* Sabe para quê? *(Durão faz um signal affirmativo. — Proseguindo avidamente)* « Não gosto de concorrencias n'estes ca- « sos. »

D. EMILIA. Que diz elle? *(Sem perceber).*

CONDE *(com um gesto furioso)*. Calumniador! *(Continúa a ler)* « Não gósto de concorrencia n'estes casos, e reconheço que, ha- « vendo tal incompatibilidade de genios, é-me impossivel dar a « sua filha a felicidade que ella merece. »

D. EMILIA *(tremula de anciedade e de espanto)*. Como?

CONDE *(acabando de ler no tom de uma indignação profunda)* « Mais vale ao cedo que ao tarde. Por tanto, ficam de ne- « nhum effeito as nossas combinações, e estamos ambos desli- « gados. » *(Durão tem ouvido com a cabeça entre as mãos, absorto na sua dor).*

D. EMILIA *(como percebendo a final, arrojando-se aos pés do pae com um grito desesperado e escondendo o rosto no seio d'elle)*. Oh! meu pae, que estou perdida!

DURÃO *(n'uma convulsão de terror, affastando-lhe o rosto de si com ambas as mãos para a encarar melhor)*. Perdida, tu! — Como? *(Percebendo com um brado de angustia)*. Ai! a minha filha!... E fui eu que tive a culpa!... *(Cahem novamente nos braços um do outro sem poderem fallar).*

SCENA XXIV.

OS MESMOS e **JOSÉ EDUARDO**, *á porta do fundo.*

JOSÉ *(sem ver o grupo)* O senhor conselheiro... *(O conde corre a elle, adianta-se alguns passos e mostra-lhe em silencio os dois abraçados).* Que vejo!

CONDE *(detendo-o).* Era tarde... São já tres as victimas.

JOSÉ. E o verdugo?

CONDE *(com intenção).* Sobe.

JOSÉ *(contemplando D. Emilia com profundo abatimento).* Que havemos de fazer agora?

CONDE *(apontando para ella com um gesto de potente energia).* Vingal-a!

ACTO TERCEIRO.

(Gabinote sumptuoso em casa da baroneza. Fogão ao fundo ou do lado esquerdo entre duas portas. Candelabros. Espelhos. *Fauteuils.* Ao centro mesa de trabalho. A direita outra redonda, coberta de panno, e cheia de livros, *albuns* etc. — São quatro horas da tarde.)

SCENA I.

A BARONEZA, D. PERPETUA, LUIZ DAS MERCÊS, e O CONDE.

(A baroneza em toilette *de annos, sentada á mesa redonda folheando os albuns. D. Perpetua idem á outra mesa escrevendo. — O conde encostado ao fogão. — Luiz das Mercês entrando da direita e fallando para dentro. — O todo tem o aspecto de uma reunião de confiança, em dia de festa, antes do jantar.)*

LUIZ *(para dentro a cumprimentar ainda).* Obrigado, general!... Nunca me ha-de esquecer similhante acção... É propria do caracter de v. ex.ª... e de um dia como este. *(Vindo a D. Perpetua todo alvoroçado).* Menina...

D. PERPETUA *(escrevendo e lendo alto).* «Pede a V. Magestade...»

LUIZ. Ouves, menina?

D. PERPETUA *(muito attenta á escripta).* Oiço.

LUIZ. Alviçaras...

D. PERPETUA. Credo, que me atrapalhas!

LUIZ. Sabes a noticia que me deu agora o nosso general?

D. PERPETUA (*escrevendo*). « E receberá mercê. »

LUIZ. Está finalmente despachada a viuva do afilhado do sobrinho de teu primo.

D. PERPETUA (*attenta*). Sim?

CONDE (*áparte*). Já vão os afilhados.

D. PERPETUA. Então o general sempre alcançou a pensão?

LUIZ. Alcançou. Disse-m'o agora. Recebeu a noticia ha tres dias; mas como nos esperava hoje, reservou para esta occasião... Que delicadesa!

D. PERPETUA. Eu já contava com isso.

LUIZ. E então a boa vontade! Faz pena não ter uma pessoa mais por quem se interesse.

CONDE (*sorrindo*). Pois não tem?

LUIZ (*ao conde, sinceramente*). Não me lémbra. (*A D Perpetua*). A viuva do afilhado do sobrinho de teu primo, é a ultima não?

D. PERPETUA (*ao conde*). Deixe-o fallar, senhor conde. (*A Luiz*). A senhora baroneza concedeu-me licença, (*indicando os preparos de escrever*) e eu fui aproveitando o tempo.

BARONEZA (*áparte*). Para me não apurar a paciencia.

D. PERPETUA (*mostrando a Luiz o papel escripto*). Olha.

LUIZ. Um memorial!

D. PERPETUA. O filho precisa arranjar-se

LUIZ (*alvoroçado*). É verdade. Não me tinha occorrido.

CONDE (*áparte, sorrindo*). Renascem das suas cinzas, como a Phenix...—Oh! Molière!

LUIZ. Mas espera... O filho está ainda no collegio.

D. PERPETUA. A mãe tirou-o de lá porque o rapaz era muito bronco, e não aprendia.

LUIZ. Então agora onde se ha-de arranjar?

D. PERPETUA. No conselho de instrucção publica

LUIZ. Lembras bem. Para ahi não era mau... Mas, que eu saiba, não ha nenhum logar vago.

D. PERPETUA. E que tem que não haja? Faz-se-lhe uma cama n'um periodico, a algum empregado de lá... e verás. O genro da prima Marianna, que nós empregámos o anno passado, escreve n'um jornal, e já me disse que estava prompto. (*Ficam conversando. — O conde dirige-se á baroneza e encosta-se-lhe ás costas do fauteuil*).

CONDE. Sabe uma coisa, baronesa?

BARONEZA. O que é?

CONDE. Julgava-lhe melhor gosto.

BARONEZA. Em que?

CONDE (*indicando o grupo com os olhos*). Nas suas intimidades.

BARONEZA. Que lhe hei-de eu fazer? Meu pae quer.

CONDE. Sabe perfeiamente o modo de levar seu pae a querer... exactamente o que v. ex.ª quer. — Se recebe esta gente é por que tem suas rasões.

BARONEZA. E está morto por saber essas rasões? Pois não lh'as digo.

CONDE. Para que? Se as conheço.

BARONEZA. Conhece? (*Voltando-se para elle*). Essa agora!

CONDE. Quer verificar?

BARONEZA. Tenho curiosidade.

CONDE (*tomando logar n'outra cadeira ao lado*). A sua curiosidade não está bem de rosto voltado.

LUIZ (*que n'este intervallo tem lido o escripto que lhe apresenta D. Perpetua*). Supplicante com « c » cedilhado! (*Pegando na penna*).

D. PERPETUA. Então como é?

LUIZ. Com dois « ss ». (*Senta-se e corrige*).

CONDE (*do outro lado á baroneza*). Na sua posição, baroneza, é indispensavel uma companhia, ou como se diz vulgarmente uma *decencia*. Depois da morte de sua tia Hellena, ficou vago o logar da *decencia*; e, como não tinha senão encargos, não era facil provel-o. Mas o que é difficil para uns, é facil para outros! A baroneza deu logo uma successora á tia Hellena, que teve a leviandade de morrer fóra de proposito: Ahi está o que explica a intimidade d'esta gente aqui. Adivinhei?

BARONEZA. Mal.

CONDE. Ah! provoca-me? Então digo tudo. Na escolha d'esta *decencia*, deu v. ex.ª mais uma prova da sua profunda sagacidade. D. Perpetua é sufficiente ridicula, deploravelmente vulgar, e perfeitamente incommoda...

BARONEZA. Má lingua!

CONDE. Defeito do daguerreotypo.

BARONEZA (*rindo*). Ah! ah! ah!... Faz-me rir... Está dando taes proporções a uma acção tão natural!...

D. PEEPETUA (*levantando a cabeça*). É coisa de gosto, senhora baroneza?

BARONEZA *(rindo mais)*. Ah! ah! ah! ah! — Do melhor gosto, principalmente agora. *(Suffocando o riso no lenço)*.

D. PERPETUA *(levantando-se, mas sem sahir do seu logar)*. O que é?

BARONEZA *(como acima)*. É o conde que me está repetindo um poema.

D. PERPETUA *(querendo aproximar-se)*. Sim?

LUIZ *(detendo-a, em voz baixa)*. Deixa... Aquillo são particulares... *(Investigando o memorial)*. M, c, c, com « c » cedilhado Forte mania de « cc » cedilhados! *(Corrige: D. Perpetua assenta-se, e continuam na mesma disposição anterior)*.

BARONEZA *(depois de rir, ao conde)*. Com que, foi sagacidade a escolha?

CONDE. Foi. — D. Perpetua, lisongeada na sua vaidade sujeita-se a tudo de bom grado, e alguns favores, devidos á influencia do general, encadeam a sua docilidade. Mas o que torna luminosa a perspicacia com que lhe deu a preferencia é...

BARONEZA *(curiosa)*. É...?

CONDE. É o marido.

BARONEZA. Falla como a sibylla.

CONDE. Não, por que me explico. O marido de D. Perpetua tem a especialidade... de empregar parentes. Ora como a pratica incessante de uma especialidade constitue necessariamente uma superioridade, o nosso homem tem-se tornado, sem se sentir, uma entidade superior. É o centro de um certo movimento, que elle não percebe, mas que v. ex.ª perfeitamente avalia. Alguns dos que empregou ajudaram-o a empregar outros. Veiu por fim a empregar tanta gente, que, só com as excepções da ingratidão, exerce um grau de influencia que não é para despresar, e...

BARONEZA *(com affectada serenidade)*. Acabou?

CONDE. Acabei.

BARONEZA. Diga-me uma coisa, conde: tem a certesa de ser um homem?

CONDE. A pergunta não pecca por lisongeira.

BARONEZA. Vou propendendo a acreditar que é um segundo Cagliostro, uma nova incarnação do conde de S. Germano, um continuar se-ha do *Lunario Perpetuo*.

CONDE. Por que?

BARONEZA *(com uma gargalhada)*. Por que tem essas pretenções. *(Levanta-se)*.

CONDE *(encostando se á mesa e abrindo um livro).* Nunca acertei com uma verdade que não me respondessem com uma injuria.

BARONEZA *(indo a D. Perpetua).* Então ficou contente?

D. PERPETUA. Não sei como agradeça... O visconde vem?

(O conde levanta a cabeça ao ouvir fallar no visconde e torna a baixal-a sobre o livro).

BARONEZA. Espero que sim.

LUIZ. De certo se encarrega de lhe entregar este memorial. Está revisto por mim.

BARONEZA. Com toda a vontade.

D. PERPETUA. E sendo entregue pela minha amiga!... O general não sahe do seu quarto?

BARONEZA *(de parte).* Não: nem vae á mesa. Todo o movimento lhe augmenta as dores. Mas elle mesmo exigiu que em nada alterassemos a nossa pequenina reunião. O visconde vem. *(Alto ao conde).* Se o conde quizesse participar tambem do nosso jantar de familia. Não temos senão as pessoas de intimidade. *(Baixo a D. Perpetua).* Deus queira que não acceite.

CONDE. Cagliostro e o conde de S Germano não jantavam... se não por cumprimento. A immortalidade vive de si. — Incommódo?

BARONEZA. Em que?

CONDE. Se não me engano disse-me que jantava ás seis.— *(Tirando o relogio)* São quatro. Posso-me demorar.. *(áparte)* para vêr. *(Pega n'um livro).*

D. PERPETUA. Ai que estou n'uma grande divida. Ainda não fui agradecer ao general, nem cumprimental-o...

LUIZ. Ainda não?... *(Azafamado).* Valha-te Deus, menina. —Anda, vamos... vem comigo, anda...

BARONEZA. Tenho muito gosto em acompanhal-a, minha querida. *(Ao conde).* Está com um livro, não fica só. É um momento.

CONDE *(baixo levantando-se).* Não ha remedio senão pagar a quem nos serve. *(Alto)* Faça de conta que não existo, baroneza.

LUIZ *(já á porta).* Dá licença, general? *(Escuta, e chama logo).* Entrem, entrem. *(Entram as duas, fazendo D. Perpetua uma mezura pretenciosa quando passa pelo conde. — Luiz segue-as).*

SCENA II.

O CONDE, *só.*

CONDE. Aqui está de que se compõe a nossa escalla social. importunidade é mais attendida que o merito; os velhacos Axpellem os modestos; e os pobres de espirito servem de degrau... aos que abusam d'elle!

SCENA III

O CONDE e JOSÉ EDUARDO, *com farda de capitão de ingenheiros.*

JOSÉ *(entrando e vendo o conde).* Oh! senhor conde... por aqui!...

CONDE *(levantando-se e indo ao seu encontro).* Não me engano... é o meu amigo José Eduardo!... Não sabia que estava em Lisboa.

JOSÉ. Cheguei do Minho no principio d'este mez. Estive encarregado de uma commissão nas estradas.

CONDE. Sube pelos jornaes.—A final fizeram-lhe justiça. Vejo que se tem adiantado na sua carreira, e dou os parabens ao meu paiz.

JOSÉ. Devo tudo á protecção de v. ex.ª, não me esquece. Foi por sua intercessão que alcancei ser despachado para o ultramar, apezar de todas as difficuldades que então se oppozeram.

CONDE. E lá distinguiu-se por altos serviços, sei tambem. Indagava sempre com interesse tudo o que lhe dizia respeito.

JOSÉ. Apenas cheguei, o meu primeiro cuidado foi procural-o em sua casa. Disseram-me que estava fóra.

CONDE. Vim ha tres dias do Alemtejo. Mas, vamos: está contente com a sua situação?

JOSÉ. Estou. Tenho uma carreira solidamente estabelecida, e creio que posso contar com legitimas esperanças.

CONDE. Ahi reconhecerá a verdade do que ha sete annos lhe disse. A sociedade recebe-o como egual de todos, porque traz em si o attestado da sua valia. Venceu o mais difficil.

JOSÉ. Vejo que está ainda o mesmo homem.

CONDE. E para me differençar da maior parte.

JOSÉ. E a baroneza? Julgava encontral-a.

CONDE. Foi ao quarto do pae com visitas. O general faz hoje annos, e eu vim aos costumados cumprimentos.

JOSÉ. Evitando prolongal-os. *(Sorrindo).*

CONDE. O general está com o seu attaque de gota, e quando lhe apparece um ouvinte complacente desafoga o padecimento, contando as batalhas... que podia ter ganho se as tivesse commandado. — Diga-me: como o vejo aqui? Não sabia que era visita da casa.

JOSÉ. Relacionei-me o anno passado com o general, servindo n'uma commissão de que elle fôra nomeado presidente.

CONDE. *Pro forma.*

JOSÉ. Venho pelo mesmo motivo... cumprimentos de annos. Queria deixar o meu bilhete, mas os criados disseram-me que recebiam...

CONDE. Ora vamos .. Confesse que veiu um pouco pelo general, e mais alguma coisa pela baroneza.

JOSÉ *(seriamente)*. Não, senhor conde. V. ex.ª bem sabe o que se passou ha cinco annos. N'esse ponto, sou invulneravel.

CONDE. Porque? Não se esqueceu ainda?

JOSÉ. Ha coisas que não esquecem.

CONDE. Apezar d'isso, acautelle-se. A baroneza é uma Circe perigosa. Não póde deixar de ter feito trinta annos; e, nos limites da mocidade, todos os seus instinctos se teem aperfeiçoado com a irritação do tempo perdido e das ambições malogradas. N'este periodo da vida, as mulheres como a baroneza teem artes e prestigios em que naufragam os mais cautos: são catastrophes ambulantes.

JOSÉ. Está livre de taes perigos o coração que um sentimento profundo deixou em cinzas. Não se ama duas vezes do mesmo modo.

CONDE. Sabe então alguma coisa de D. Emilia?

JOSÉ. Nada. Tenho indagado; mas ninguem me tem podido dizer. Parece que desappareceu de todo.

CONDE. Como o infame que a desgraçou.— D'esse sube eu, e sei muito. Quando lhe constou que o procuravamos, foi para o Brazil, e estabeleceu-se lá. Eu lhe contarei. — De D. Emilia sube só que lhe tinha morrido o pae, mas não me foi possivel ter mais noticias.

JOSÉ. Morreu talvez de desgostos?

CONDE. De certo. Coitados! Perderam-se ambos por mutua

cegueira, mas ambos souberam levantar-se da culpa, que a razão não deve confundir com o vicio.

JOSÉ (*commovido*). Ella por fim merecia outra sorte.

CONDE. Merecia. — Mas disfarce que oiço a voz da baroneza.

SCENA IV.

OS MESMOS, **A BARONEZA, LUIZ,** e **D. PERPETUA.**

BARONEZA (*a D. Perpetua*). É melhor deixal-o descançar agora... Meu pae gosta de socego.

D. PERPETUA. O que eu não queria era faltar aos meus deveres.

BARONEZA (*vendo José Eduardo e dando lhe a mão*). Muito bem vindo, meu caro capitão! Não sabia que estava aqui.

JOSÉ. Cheguei ha um instante. Não quiz deixar de vir hoje fazer os meus respeitos ao general.

BARONEZA. Sinto que não apparecesse um pouco antes. O general havia de estimar immenso vêl-o, e agora não o póde receber. Tem tido visitas quasi todo o dia, e para quem padece é um cançasso. Realmente agora não me atrevo...

JOSÉ. Nem eu consentia.

(Teem-se todos sentado, diversamente grupados. D. Perpetua e Luiz n'um sophá. N'uma cadeira á voltaire, juncto ao fogão a baroneza).

CONDE (*ainda de pé, passando por José Eduardo, que vae tomar logar n'uma cadeira ao pé da baroneza, em voz baixa*). A baroneza medita malicia grande.

JOSÉ (*idem*). Porque?

CONDE. Conheço-lh'o nos olhos.

(José Eduardo senta-se ao pé da baroneza; o conde do outro lado, e tambem proximo d'ella, encosta-se ao fogão).

BARONEZA. Está frio o dia, e é agradavel o fogo. Cheguem-se.

CONDE. O fogo está sempre onde está v. ex.ª

BARONEZA. Que madrigal tão semsabor! Se não tem outro assumpto de conversação!...

D. PERPETUA. A minha amiga sabe quem é a senhora em quem fallou o general?

BARONEZA. Qual senhora? (*A D. Perpetua*).

D. PERPETUA. A que andava tambem a requerer a pensão. Pelos modos foi por causa d'ella que o general achou maiores difficuldades no despacho.

BARONEZA (*negligentemente*). Tenho uma idéa... Parece que era a filha do conselheiro Durão. (*Movimento do conde e de José Eduardo*).

JOSÉ. A filha do conselheiro Durão!... V. ex.ª sabe onde ella reside?

BARONEZA. Não; nem tenho empenho.

CONDE. E foi a baroneza que a privou da justa remuneração dos serviços de seu pae?... Uma amiga sua!

BARONEZA (*desdenhosa*). Amiga!

CONDE. Dizia-lh'o ao menos, quando era sua visita.

BARONEZA (*abotoando uma pulseira*) Foi ha tanto tempo que nem me lembra.

CONDE. Foi no tempo em que lhe tinha inveja.

BARONEZA (*fitando-o*). Queria que continuasse as minhas relações com similhante gente?

CONDE. Podia ter mais caridade, baroneza.

D. PERPETUA (*de parte a Luiz*). Não queres vêr? Estes homens!... Então não se interessam elles por uma creatura que fez um baptisado...

LUIZ (*atalhando*). Antes do casamento. (*Com pudor*). Não digas mais, Perpetua. (*Sentenciosamente*). O mundo está perdido!

BARONEZA (*ao conde*). Peço-lhe que mudemos de conversação... Muitas vezes teem-se relações que depois envergonham. Não é uma razão para as conservar...

CONDE. Nem para as espoliar. (*José Eduardo levanta-se*).

BARONEZA. Que é isso? Já!

JOSÉ. Se ha pessoas cujas relações envergonham v. ex.ª, professando eu por essas pessoas um sentimento de profundo respeito e de religiosa veneração, estou aqui fóra do meu logar.

CONDE (*pendendo-se para a baroneza*). Vê que ainda ha corações generosos!

BARONEZA (*a José Eduardo com ironia pungente*). Queira desculpar. — Não sabia que offendia as suas susceptibilidades... Agora me lembra. Ouvi dizer que tivera uma inclinação por aquella... senhora; mas pensei que era coisa acabada.

JOSÉ. Entrego a todos os epigrammas os meus sentimentos pessoaes, mas a consciencia diz-me que não deixe infamar uma pessoa, que já não tem para defendêl-a senão a voz dos que a viram nobilitar na expiação o arrependimento, e no arrependimento o erro. — Quem não erra, minha senhora? — Ad-

mira-me que v. ex.ª, tão severa em condemnar a culpa, não encontrasse uma palavra para maldizer o culpado.

D. PERPETUA. Os homens não teem que perder.

CONDE. Por consequencia podem deitar a perder.

JOSÉ. Se v. ex.ª visse aquelle pae e aquella filha!... Quando os feriu a catastrophe, ergueram se martyres, abraçados á sua cruz, e foram expiar juntos, longe do mundo, o peccado de que o mesmo mundo era causa. Podiam occultar em novos desvarios aquelle desvario primeiro...

CONDE. É tão frequente o exemplo que nem seria extranhado.

JOSÉ. Não o deram. A illusão tornara-os pusilanimes: a desgraça achou-os fortes. Tiraram a energia dos seus proprios desastres; e, não sabendo prevenir, ao menos souberam soffrer. O perdão não se fez senão para o erro; e, em taes situações, as almas sinceras abraçam a piedade ao infortunio, e põe-lhe aos pés o respeito, para que a impudencia não seja uma virtude e a vergonha uma inutilidade. Se a fragilidade não se distinguisse da corrupção em que se differençaria a justiça da misericordia?—Queira perdoar, senhora baroneza, se tomo este calor, que talvez lhe pareça inconveniente. Mas estou profundamente convencido d'estas verdades; e, quando estou convencido de uma coisa, nem tenho a hypocrisia de disfarçal-a, nem a covardia de escondêl-a.

BARONEZA. Não ha que perdoar. Podemos ter opiniões differentes sem nos collocarmos em hostilidade. Deixemos isso á politica. Não tive intenção de o offender. Sente-se e oiça. *(José Eduardo senta-se ao lado da baroneza, o conde senta-se defronte).* Raciocinemos. Convenho que em todo o erro póde havei circumstancias que despertem a piedade. Os homens,— não os defendo n'isso,— propendem para abusar... Mas o mundo fecha os olhos a esses abusos. Por isso devemos nós acautellar-nos, visto que não tem remedio a queda.— Não sei se é justo, sei que é o que se vê.— Diga me sinceramente atrever-se-hia por ventura a offerecer o seu nome e a sua mão a uma pessoa no caso em que desgraçadamente se acha esta de que fallamos?

JOSÉ *(enliado).* A pergunta é especiosa... e em verdade não sei a que proposito venha.

BARONEZA *(sorrindo).* O que vem a proposito é essa hesitação. Pois que! Está tão convencido da nobreza d'esse arre-

pendimento e da respeitabilidade d'esse infortunio, e tem duvidas?

D. PERPETUA. Ainda o outro dia, fallando eu com o visconde a respeito de um caso similhante, me disse elle...

LUIZ. É verdade o visconde disse...

BARONEZA *(atalhando).* E o conde o que diz?

CONDE. Eu não posso ter opinião.

BARONEZA. Porque?

CONDE. Porque sou incasavel.

D. PERPETUA *(fazendo-se graciosa).* É porque nunca tentou.

LUIZ. De certo, se tentasse...

CONDE *(para elles).* Pois tentei.

BARONEZA. Como! *(Puchando a cadeira para o pé do conde).*

CONDE. Tres vezes já

BARONEZA. E todas de balde?

CONDE. Todas de bàlde.—A primeira foi com uma senhora na primeira mocidade... a segunda com uma proxima da decrepitude... e a terceira com uma que ainda se não aproximava á decrepitude, mas já andava longe da mocidade. A primeira era pobre, a segunda riquissima, e a terceira nem rica nem pobre.

BARONEZA. E porque não se concluiu nada?

CONDE. A primeira reflectiu...

BARONEZA. A respeito?

CONDE. A respeito de um primo aspirante de lanceiros;—e julgou que lhe não convinha a minha pessoa. Estive para me apaixonar, mas preferi desatar a rir.

BARONEZA. E a segunda?

CONDE. A segunda reflecti eu, e ponderei-lhe que era cedo ainda para me precipitar na eternidade: podiam acreditar n'um suicidio por desesperação.—Quanto á terceira, reflectimos ambos, e desmanchámos o ajuste de commum accordo.

D. PERPETUA. O visconde tambem lhe aconteceu uma vez...

LUIZ *(baixo a D. Perpetua)* O visconde não vem agora para o caso.

CONDE *(em voz baixa á baroneza).* Peço perdão... Quem é este visconde de que estou a ouvir fallar desde que entrei aqui.

BARONEZA. Não lh'o disse já?—É seu conhecido.

CONDE. O visconde? Talvez. Mas ha tantos!...

BARONEZA. Conhece de certo. Cuidei que já lh'o tinha dito. O visconde é...

SCENA V.

OS MESMOS, e **BENTO ALVES**, *entrando.*

BARONEZA. Eil-o justamente.

BENTO (*vae direito á baroneza como para lhe apertar a mão*). Mil perdões, baroneza, fiz-me esperar talvez... (*Cumprimentando*). Meus senhores!

BARONEZA (*que mudou subitamente de maneiras, tomando um ar de languida ingenuidade*). Bem sabe que é sempre esperado com impaciencia.

BENTO. Se consultasse unicamente os meus desejos ha muito que estava aqui... Mas é um turbilhão de negocios!...

BARONEZA. Na sua posição, não admira.—Estavamos fallando a seu respeito.

BENTO. Na presença de v. ex.ª não podiam ser senão coisas agradaveis.

BARONEZA. Certamente. Estava affirmando a estes senhores que o conheciam.

JOSÉ (*com intenção*) Conhecemos.

D. PERPETUA (*baixo a Luiz*). Conhecem-se.

LUIZ (*sentenciosamente e do mesmo modo*). Os fidalgos todos se conhecem.

CONDE. O senhor visconde de?... A designação pouco importa. Não dava noticia por que ignorava justamente essa designação. (*Sorrindo*). Chego de fóra, e ando colhendo informações.

BARONEZA. Foi justiça o titulo, e ha muito que lh'a deviam.

CONDE. Estou persuadido. O senhor visconde então reconciliou-se com os titulos? Se não me engano, reputava-os d'antes umas frioleiras ridiculas.

BENTO. Quando os titulos recahem sobre pessoas, que souberam elevar-se, e podem conservar o explendor d'elles, entendo que, longe de serem ridiculos, são respeitaveis. Sei muito bem que as invejas do povo e os ciumes da burguezia murmuram sempre d'estas elevações... mas isso são paixões pequenas, a que os homens como nós, senhor conde, devem ser superiores.

CONDE. Queira desculpar. Se tivesse a bondade de não empregar n'este caso o plural...

BENTO. Por que?

CONDE. Por que... por que ha circumstancias em que tenho uma predilecção exclusiva pelo singular.

BENTO. Supponho que v. ex.ª não diz isso por...

CONDE *(que tem conservado sempre o tom mais ameno)*. Por coisa nenhuma, está claro. O senhor visconde mudou de opinião? Prova de bom conselho. Está na sua terceira methamorphose? Sempre lh'o prognostiquei. Quando era pobre dizia mal dos ricos. Quando *se fez* rico, disse mal dos fidalgos. Hoje que *o fizeram* fidalgo diz mal dos que lhe ficaram para traz: é natural. Vê-se d'isso todos os dias

BARONEZA *(levantando-se)*. Ha-de querer fallar a meu pae, visconde... Vou ver se o póde receber. *(A Bento)*.

CONDE. O general está descançando e o senhor visconde de certo não ha-de querer... *(Movimento geral)*.

BENTO. Se está descançando, peço que o não incommode. *(Á baroneza)*.

JOSÉ *(ao conde em voz baixa)*. Custa-me a conter diante d'este homem.

CONDE *(baixo e rapido)*. Contenha-se e observe.

(Tomam todos differentes logares; o conde ao pé de José Eduardo — A baroneza ao pé de Bento — Luiza e D. Perpetua defronte um do outro á meza de trabalho).

BENTO *(baixo á baroneza como quem se resigna)*. Não ha remedio. Veja a que me sujeito por sua causa.

BARONEZA *(coquette)*. Acha mal empregado?

BENTO *(querendo galantear)*. Tudo é pouco para *comprar* a felicidade.

BARONEZA *(em confidencia)*. E vem resolvido a fallar hoje a meu pae, como me disse? *(Bento affirma)*.

CONDE *(com exemplar amenidade e cortezia, temperada a espaços de uma leve tintura de ironia)*. Voltou ha muito do Brazil, senhor visconde?

BENTO. Ha dois mezes, o muito; e dès que vim realmente ainda não parei.

CONDE *(obsequiosamente)*. É natural que o não deixem parar.

BENTO *(com ares de fatuidade em confidencia á baroneza)*. Estes aristocratas velhos estão sempre de pé atraz com os seus cóllegas novos; mas, a final, vão-se *domesticando*.

BARONEZA. Não se resiste ao ascendente do merecimento.

CONDE *(baixo para José Eduardo observando os dois)*. Percebeu? Circe achou o seu Ullysses; mas a Ullysseida não está completa. *(Alto para Bento)*. Diga-me: conheceu um negociante...—nosso compatriota desgraçadamente!.. —um negociante estabelecido ha tempos no Rio de Janeiro...

BENTO *(sorrindo)*. Conheci tantos!...

CONDE. Perdão... Este distinguia-se por caracteres particulares.

BARONEZA. Resa d'elle a historia?

CONDE. É verdade: resa d'elle *uma* historia.

BENTO. Excita-me a curiosidade.

CONDE. Tanto melhor. Terei a certesa de não cançar a sua attenção. O negociante, de que lhe fallo, não seguiu o exemplo dos seus collegas, não sollicitou a fortuna; tomou ares de quem ia enriquecer o paiz a que se acolhera. As suas operações eram perfeitamente secretas, mas tão habeis e lucrativas que em breve se achou á testa de uma d'essas riquesas fabulosas, que só se encontram nos romances. Diziam uns que lhe correra prospero o trafico da escravatura; = um negocio honesto que consiste em vender gente! Diziam outros que era elle o centro de uma grande agencia de colonos *engajados*; — uma especulação decente que consiste em allugar seus irmãos! Indicava-o finalmente o resto como chefe de uma vasta associação, que em Portugal fabricava moeda. . por sua conta; — uma industria honrosa que consiste em enriquecer um paiz .. contra sua vontade! Em todo o caso, realisava á risca o seu programma: não pedia capitaes ao Brazil; augmentava-lh'os. Fosse como fosse, o governo imperial assustou se com o excesso de riquesa monetaria que circulava no seu mercado; e uma manhã, depois de um baile explendido, o illustre especulador foi procurado pela policia com uma irreverencia que prova as susceptibilidades d'aquella nação.

LUIZ. E apanharam-o?

CONDE. Nada! O homem era prudente e tinha. . *boas relações*. Quando julgavam colhel-o á sahida do seu quarto, estava elle já a bordo de um navio que se fazia de vella para a Europa. Fôra prevenido a tempo, e tomára as precauções do costume.

D. PERPETUA. E a fortuna? Perdeu-se?

CONDE. Nem um ceitil. Seria falta de logica. —Ao passo que realisava os lucros ia transferindo os fundos; e, como é facil

de suppor, absteve-se de comprar propriedades no paiz. De sorte que no dia da catastrophe, podia dizer como o philopho: « Levo comigo toda a minha fortuna! » Ficou-lhe apenas a casa em que habitava e a mobilia sumptuosa; mas a casa não era sua e a mobilia era allugada. O caso fez impressão e affirma-se até que o governo do Brazil, instado pelos clamores geraes, dirigira ao nosso uma nota energica, a respeito d'aquelle individuo. A verdade é que elle soube esquivar-se opportunamente, e, segundo todas as probabilidades qualquer dia teremos a fortuna de o possuir entre nós... se é que não a temos já.

BARONEZA. O que admira é como o conde está versado na historia ultramarina.

CONDE. Historia ultramarina, não, baroneza: historia popular. São coisas que ha-de ouvir por ahi a toda a gente. — O mais curioso é que o honrado.. industrial, pouco antes da sua fuga, tinha sido agraciado d'aqui com um titulo, em recompensa de não sei que donativos ou subscripções... Era um homem generoso n'estas coisas... Não se eximia a nenhum sacrificio... Pela moeda com que os pagava!... — Houve quem ganhasse titulos descobrindo o novo mundo. É logico pagar com titulos a quem enche o novo mundo de dinheiro. *(Obsequiosamente)* Não acha senhor visconde?

BENTO *(com seccura, e vencendo a turbação)*. Não sei de quem me falla...

CONDE. Pois nunca ouviu fallar n'isto?

BENTO. Não sei de quem me falla; mas hoje em dia todo o homem que alcança uma grande fortuna é geralmente victima d'essas absurdas calumnias... em que eu não posso crer.

CONDE. Uma vez, n'um ajuntamento, gritou um homem que lhe tinham roubado o relojo. Olharam todos para aquelle lado. Ao mesmo tempo, outro, pouco distante, gritou ainda mais alto que tambem lhe faltava o seu. Dividiu-se a attenção, e a final ninguem ficou sabendo quem era o roubador. — O roubador era o que se tinha queixado mais. — Falsa moeda e falsa palavra andam a par.

LUIZ. Isso é verdade. A calumnia mette-se em tudo Pois a mim não me chamaram já corretor de empregos! Eu que não tenho empregado se não a minha familia!

CONDE *(a Luiz)*. Que injustiça! *(Para Bento)*. Assim, é provavel que o poderoso fugitivo se esconda na multidão dos ca-

lumniados... e por isso não deve dizer mal da calumnia. — O peior é que esta segunda parte da sua vida ainda não é nada em comparação da primeira.

BARONEZA. Pois não está acabada a historia?

CONDE. Deus sabe quando e como acabará. Inverti a ordem chronologica para dar mais variedade á narração. — Parece que, antes de sahir de Portugal, o audaz empresario da felicidade brazileira tinha tido uma vida extremamente agitada... Falla-se de uma menina covardemente seduzida e ainda mais covardemente abandonada... Falla-se de um tio assassinado por elle...

BENTO *(levantando-se, com vehemencia)*. Tudo isso é falso, senhor conde!

CONDE *(friamente)*. Por que? Tem conhecimento do homem?

BENTO *(balbuciando)*. Não... Já disse a v. ex.ª que não sabia de quem fallava... Mas... mas tantas accusações juntas... e de tal ordem... não podem deixar de ser. . filhas do odio.

CONDE. Por que? não se tem visto?... Se o senhor visconde não conhece a pessoa de quem fallo, nem póde asseverar o que diz, nem eu tomar a serio o seu desmentimento. *(Inclinando-se)*. Agora se conhece ..

BARONEZA. O que lhe digo, conde, é que as suas historias dão mais ares de um noticiario de jornal de provincia de que uma conversação amigavel.

CONDE. Por que os noticiarios trazem a lista dos crimes... Os noticiarios tambem se lêem nas sallas.

BENTO *(sentando-se de novo e forcejando por sorrir)*. O noticiario do senhor conde é lugubre como um melodrama.

CONDE. O melodrama foi desterrado do theatro. . mas refugiou-se nas estradas... e muita vez no interior das familias. Não é culpa dos melodramas se ha historias verdadeiras que se parecem com elles.

JOSÉ. A sociedade ri dos attentados e da violencia, por que não olha em torno de si. *(Fitando-o)* Se reparasse...

BENTO *(encarando-o tambem com rancor)*. Se reparasse...?

SCENA VI.

OS MESMOS e um **CRIADO**, *á porta da esquerda.*

CRIADO. Está o jantar na mesa, senhora baroneza.

BARONEZA *(levantando-se)*. Aqui está uma interrupção agra-

davel, e a tempo. *(Levantam se todos).* Quer-me dar o seu braço, visconde? *(A José Eduardo e ao conde).* Acompanham-nos?

JOSÉ. Sinto muito não poder acceitar, minha senhora, mas...

CONDE. Retiramo-nos. Espero porém ter o gosto de encontrar brevemente... o senhor visconde.

BARONEZA *(fazendo passar D. Perpetua).* Então minha querida...

(Luiz dá o braço a D. Perpetua e entra para a esquerda. — Bento offerece o braço á baroneza e vae seguindo-os. Jo é Eduardo e o conde dispoem-se a sahir).

SCENA VII.

OS MESMOS e **D. EMILIA**, *vestida de luto, olhos baixos, apresentando-se timidamente.*

D. EMILIA. A senhora baroneza?

BARONEZA *(voltando o rosto).* Quem é?

JOSÉ *(baixo, ao conde).* Veja. *(Inclina-se profundamente diante de D. Emilia que não repara).*

CONDE *(idem).* Bem. — Esperemos.

D. EMILIA *(adiantando-se receiosa).* Peço á senhora baroneza que me desculpe se venho importunal-a no meio das suas visitas. Os criados mandaram-me entrar para aqui...

BARONEZA. Deseja alguma coisa?

D. EMILIA. De certo não me atrevia a procurar v. ex.ª, senão tivesse rasões poderosas... *(Levantando os olhos e vendo Bento Alves).* Oh! *(Com um grito de espanto)*

BARONEZA. Que é?

D. EMILIA. Nada. Não faça v. ex.ª caso... N'outra occasião me ouvirá... Agora... Agora o que eu tenho que dizer é a este senhor!

BENTO *(turbado).* A mim! *(Á baroneza).* Dá licença?

BARONEZA *(com um movimento de despeito).* Pois não, visconde!

BENTO *(vindo a D. Emilia em quanto o conde passa para o lado da baroneza — baixo e rapido)* Que me quer?

D. EMILIA *(idem).* Que me oiça. *(Parecem fallar animadamente entre si).*

CONDE *(de parte, á baroneza, indicando D. Emilia).* Não conheceu?

BARONEZA. Ha pessoas que nunca mais se conhecem.

CONDE. Conheceu, e a prova é que está assustada.

BARONEZA. De que?

CONDE. D. Emilia tem direitos.

BARONEZA. Ou quer compensações.

CONDE. Ah! baroneza! Merecia que eu a deixasse casar com o visconde.

BARONEZA *(ironica)*. Por que! Oppõe-se?

CONDE. Formalmente.

BARONEZA *(com uma gargalhada)*. Ah! ah! ah!...— Para lhe provar que não me assombram as suas ameaças, deixo o campo livre á minha ex-rival. *(Encaminhando-se para a esquerda)* Não vem, visconde?

BENTO *(turbado)*. Vou já, baroneza... É um momento.

BARONEZA *(sahindo)*. Nós esperâmos.

CONDE. E nós sahimos. *(Baixo a José Eduardo)*. Agora não nos podemos affastar para longe. *(Sahem pelo fundo)*.

SCENA VIII.

BENTO e **D. EMILIA.**

BENTO. A sua presença aqui é um calculo, minha senhora?

D. EMILIA. Deus bem sabe que não esperava encontral-o. Vinha unicamente sollicitar a baroneza, e custou-me rios de lagrimas esta resolução. Ha cinco annos que vivo fóra do mundo, e se me decidi a procurar alguem é por que ha um ente, cuja vida é mais do que a minha, pelo qual devo eu abater o orgulho para lhe evitar a miseria. — Olhe para mim.

BENTO. Está de luto?

D. EMILIA. Perdi meu pae. — Não lhe digo como, nem por que: a consciencia lh'o dirá. — Estava proposto que se me désse uma pensão em recompensa dos seus serviços. Um antigo collega d'elle disse-me ha dias que o general empenhava toda a sua influencia para que esta pensão se désse á viuva d'outro empregado... que não deixara as mesmas necessidades, nem tinha os mesmos serviços. Vinha aqui deitar-me aos pés da baroneza, a ver se alcançava d'ella que me não tirasse o ultimo recurso... Veja se me havia de custar!... Encontrei-o quando menos contava com isso... Mas uma vez que o encontrei... é dever... peço-lhe que me dê attenção.

BENTO *(inquieto)*. Pois sim, minha senhora... Mas agora... n'esta casa...

D. EMILIA. São duas palavras. — Podia perdel-o de vista, como já o perdi ha cinco annos.

BENTO. Diga então o que quer, comtanto que seja breve.

D. EMILIA. Sabe o que fui; veja em que me tornou. Não lhe recordo as suas promessas, nem o canço com as minhas angustias. Disse-lhe ainda agora que havia um ente que tinha a miseria em perspectiva Sabe quem é? É seu filho.

BENTO. Um filho!...

D. EMILIA. Filho do erro e da vergonha; mas innocente da culpa de seus paes. A vida que lhe dei é ameaçada pelo opprobrio. Sabe o que é vellar as noites ao pé da pobre enxerga de uma creança, queimando os olhos á luz soturna que allumia o remorso? Por essa creança lhe peço, e só por ella lhe estendo as mãos. — Se teve coração para sacrificar a mãe, tenha ao menos consciencia para não desamparar o filho.

BENTO. Descance, minha senhora, descance. É inutil fazer alarido. De hoje em diante conte com uma mezada de cincoenta moedas por anno. Póde assim ir tractando da educação do menino, e para o futuro... veremos. — Dou-lhe a minha palavra.

D. EMILIA *(attonita)*. A sua palavra! Não sabe o que me custou já contar com ella? Uma mezada! Pois eu appelo para o sentimento paternal e responde-me com dinheiro!

BENTO. Que mais quer então?

D. EMILIA. A quem me eguala? — Não insulte as suas victimas. Com a penuria vive-se... custa, mas vive-se; nem ha trabalho que me assuste para conservar e educar meu filho... Sabe de que se morre? É da vergonha. Sabe o que mata? É ter de responder áquelle, que tantas dores e lagrimas nos custou, quando vier a perguntar pela sua origem: « tua mãe não teve força, e teu pae não teve alma.» Não lhe peço a esmolla da sua riquesa. Por muito que tenha não tem com que possa comprar os desvellos de uma mãe. O que lhe peço é que restitua a seu filho o que é d'elle... um nome sem desar.

BENTO. Percebo. Projectou uma scena sentimental para participar do meu titulo e da minha fortuna. Infelizmente é impossivel.

D. EMILIA *(com um grito)*. Está já casado?

BENTO. Ainda não; mas espero casar em breve. Estou compromettido com a baroneza. A baroneza tem parentes de influencia que me podem ainda servir de muito. Assim, bem vê...

D. EMILIA. Se não está casado não ha compromettimento que anteponha a este. Não preciso do seu titulo, nem da sua

fortuna. Basta-me o canto de terra que em pouco me ha-de cobrir! Dê o seu nome a seu filho, e juro-lhe á face de Deus que não sentirá por muito tempo o peso d'esta prisão. Fica livre, mas deixe ao menos que eu acabe descançada.

BENTO. Offereci-lhe pouco ainda agora. Realmente cincoenta moedas é pouco. Posso elevar-lhe a mezada a quatrocentos mil réis, e, além d'isso, para despesas immediatas... *(Mettendo a mão ao bolso. — O conde apparece á porta do fundo e observa).*

D. EMILIA *(com um gesto soberano).* D'esse coração não sabe senão dinheiro! e n'este não cabem mais opprobrios! — Ha culpas que se choram; mas não se vendem. Sei qual é a minha sorte, e acceito-a. Offereço a Deus esta cruz em expiação do meu erro, e pedirei á sua misericordia... que lhe perdoe! *(Affasta-se tremula; a meio caminho cahe desfalecida n'um dos* fauteuils *da direita, levanta os olhos e as mãos para o ceu com desesperada angustia, e prorompe n'uma convulsão de lagrimas).* Oh! Senhor! Senhor! e podeis vós permittir isto no mundo!...

BENTO *(olhando-a de revez).* Não se foi ainda... Está visto, não lhe cheguei á conta. *(Tirando uma carteira do bolso).* Não ha remedio... *(Dirigindo-se a D Emilia, que soluça encostada á mesa, com o rosto escondido nas mãos).* Realmente não sei por que os meus offerecimentos a escandalisam. Talvez não me explicasse bem. *(Tirando um masso de notas da carteira).* Tenho aqui seis contos de réis em notas, e...

SCENA IX.

OS MESMOS, **O CONDE,** *logo depois* **JOSÉ EDUARDO.**

CONDE *(adiantando-se, indo a Bento, tocando-lhe no braço indicando-lhe as notas e fitando-o com toda a cortezia).* Está certo de serem verdadeiras?

BENTO *(furioso).* Senhor conde!...

CONDE. Perdão! está ali uma senhora — Já conversamos *(Indo a D. Emilia).* Senhora D. Emilia... *(Vendo José Eduardo que apparece á porta do fundo).* Chegou a proposito a sua impaciencia. Quer ter a bondade de acompanhar a senhora D. Emilia até á salla de fóra, e esperar ali um instante com ella?

JOSÉ. Tenho sido paciente, senhor conde. Creio que me chegou tambem a minha vez de fallar.

CONDE. Ainda não. Lembro lhe que me prometteu conformar se com o que eu lhe dissesse. É uma obediencia... de dez minutos *(A D. Emilia).* Minha senhora, ambos nós a desejavamos ardentemente encontrar. — Faz-me o favor de acompanhar o meu amigo? Agora não está só, e póde contar com os serviços de dois homens... que sabem respeitar as nobres resoluções e inclinar-se diante do infortunio.

D. EMILIA *(levantando-se, cobrindo o rosto com o lenço, e sahindo com José Eduardo).* Tenho sido bem castigada!...

CONDE *(acompanhando-a).* Toda a penitencia tem um termo.

SCENA X.

O CONDE e **BENTO**; *o conde vae fechar todas as portas.*

BENTO *(que lhe segue os movimentos com os olhos).* Que faz, senhor conde?

CONDE *(sem nunca se alterar)* Não repare. É uma precaução... em seu proveito. *(Vae reclinar-se negligentemente sobre o fauteuil, ao pé da mesa redonda).*

BENTO. É preciso acabar por uma vez, senhor conde. Dês que o conheço tem-me tomado por alvo constante, umas vezes dos seus epigrammas, outras dos seus sarcasmos, e por fim até dos seus insultos!

CONDE. A que chama insultos, o senhor Bento?

BENTO. Isto não póde durar assim. V. ex.ª tem um fito. — Qual é?

CONDE. Quasi nada *(Tira um papel do bolso mostrando-lh'o).* Conhece esta letra?

BENTO *(querendo lançar-lhe a mão).* É a letra de meu tio.

CONDE *(affastando o papel desenfastiadamente).* Adivinhou. — Quer saber o que diz? *(Lê).* « Morro assassinado por meu sobrinho Bento Alves. »

BENTO *(atterrado).* Como está esse papel nas suas mãos?

CONDE. O modo pouco importa — Está.

BENTO *(procurando serenar-se).* Esse documento é falso.

CONDE. Deixe-se d'isso. Pois não reconheceu a letra?

BENTO. Agora percebo. É uma conspiração infernal!

CONDE. Engana-se no tempo. Não é: foi. — Faz favor de me ouvir com socego, como eu lhe estou fallando. — É inutil chamar a attenção. — Aposto que sei em que está agora pensando?

BENTO *(sentando-se do outro lado e querendo affectar segurança).* O senhor conde tambem adivinha?

CONDE. Ás vezes. — Senão veja. Estava pensando que um só testimunho, se é bastante para indiciar um processo, não basta para fundamentar uma condemnação.

BENTO. Admiro a sua perspicacia

CONDE *(continuando).* Estava reflectindo comsigo que, se este papel apparecesse, tem sufficientes meios e recursos para extorquir uma declaração de innocencia de um jury de provincia... *(Levantando-se).* Aqui porém o caso é differente. Aqui as leis teem a protecção da força; e, se este documento fosse apresentado por dois homens de honra, que podem augmentar a somma das provas, está bem seguro dos resultados? — Que lhe parece?

BENTO. Parece-me que já o teriam feito se o podessem fazer.

CONDE *(sentando-se de novo e tomando o seu ar negligente).* Pois não lhe lembra que andou longe? — Dir-me-ha que o seu titulo é uma nova salva-guarda Mas o sr. visconde sabe tambem quem é o negociante que foi obrigado a fugir do Rio por... por luxo de industrias. Sabe que existe a nota do governo brazileiro... e portanto não ignora que a sua posição .. *hoje*... é mais melindrosa do que nunca.

BENTO *(levantando-se com impeto).* Que vem então a dizer n'isso?

CONDE. Eu. — Nada! Sei só que o senhor visconde é um homem, que reflecte... e que reflecte bem quando quer. — Por consequencia, ha-de vêr...

BENTO. Hei-de vêr o que?

CONDE. Que é melhor cumprir o seu dever, do que expôr-se... a inconvenientes mais graves.

BENTO *(amargamente).* Depois?

CONDE. Depois vae submissamente procurar aquella senhora que espera lá fóra; vae-lhe dizer que reconhece as suas virtudes e se arrepende de a ter calumniado. .

BENTO. E por fim?

CONDE. E por fim pede-lhe perdão e sollicita a honra da sua alliança.

BENTO. Não admira a minha paciencia, senhor conde? Com que, pensa que basta combinarem-se umas poucas de pessoas para forçar a minha vontade urdindo um enredo d'estes?

CONDE *(rindo).* O senhor Bento sempre tem idéas!...

BENTO. Estão enganados. Eu lhes mostrarei ..

CONDE. Que cumpre pontualmente o que lhe disse, não?

BENTO *(levando a mão ao bolso anterior da casaca com um movimento furioso).* É demais!

CONDE *(fitando o a sorrir, e brincando com uma faca de marfim de abrir papeis).* Não incommode as suas armas, por quem é... Bem sei que as traz. — Os homens como o senhor andam sempre prevenidos. — Mas n'este caso não lhe servem de nada. Se fosse nas charnecas do Alemtejo, não digo. — O senhor mesmo o affirmou ainda agora: já se não usa o melodrama, em Lisboa. Vejo perfeitamente que está morrendo por accrescentar... os noticiarios. Mas, ao mesmo tempo, está pensando, que, se commettesse aqui um acto violento contra mim, vinha logo a policia... a policia é o seu eterno pesadello... e de todas as fórmas estava perdido —*(Rindo).* Deixe-se pois d'esses ares de tyranno, que me faz rir... Quer que lhe tirem o retrato na figura da hyena de mad. Labarrère?...

BENTO *(furioso).* O senhor conde ha-de me dar uma satisfação.

CONDE. Pois eu tenho de que dar satisfações ao senhor Bento? *(Com supremo desdem).*

BARONEZA *(dentro)* Quem fechou esta porta?

CONDE. Socegue que ahi vem a baroneza. De certo não ha-de querer que o veja assim. *(Vae abrir a porta da esquerda).*

SCENA X.

OS MESMOS, E A **BARONEZA.**

CONDE *(á porta que abriu)* Fui eu, baroneza, e peço perdão. Tinha que fallar em particular com o senhor visconde.

BARONEZA. O conde ainda aqui!

CONDE. Esse *ainda* é pouco amavel, mas eu não reparo. Estou ainda aqui, e não estou só. *(Vae ao fundo e faz um signal para fóra).* Veiu a proposito para ser testimunha de uma grande reparação.

BARONEZA. Que quer isto dizer?

SCENA XI.

OS MESMOS, **D. EMILIA** e **JOSÉ EDUARDO,** *do fundo;* **LUIZ DAS MERCÊS** e **D. PERPETUA.** *da esquerda.*

D. PERPETUA *(a Luiz).* A baroneza tinha alguma coisa.

LUIZ *(a D. Perpetua)*. Não se janta, está visto.

CONDE *(a D. Emilia)*. Queira desculpar, minha senhora, se lhe pedi que se demorasse. A sua presença era indispensavel. — O sr. visconde encarregou-me de declarar, diante de todos estes senhores, que está arrependido dos seus erros passados, que reconhece as suas... *(acentuando)* graves culpas para com v. ex.ª... e que lhe pede com toda a instancia o seu perdão... e a sua mão. *(Ao visconde tirando desafectadamente o papel do bolso e apontando com elle)*. Não é assim, senhor visconde?

BARONEZA *(indignada, para Bento)*. Pois é possivel, depois do que me disse!

CONDE. O senhor visconde tem dito tanta coisa!... *(Para Bento)*. Não é verdade que me authorisou a fazer esta declaração?

BENTO *(subjugado e confuso)*. É verdade!

CONDE. Não ha que admirar. É um consorcio muito conveniente... para o senhor visconde. Elle traz o seu titulo e uma grande fortuna; mas a senhora D. Emilia leva tambem um dote que não é menos valioso.

D. EMILIA *(attonita)*. Dote. . eu!

JOSÉ *(baixo e rapido ao conde)*. Percebo. — É a prova do crime.

CONDE *(idem)*. Agora remissão da victima. *(Alto, a D. Emilia, dando-lhe o papel)*. Eil-o.

BARONEZA. Realmente não posso perceber...

CONDE *(passando á baroneza)*. Pois não tem que perceber. Provocou-me: perdeu

D. EMILIA *(que abrira o papel e lêra rapidamente)*. Oh! .. *(Serenando, em voz alta, e nobremente)*. Taes offerecimentos... não posso eu acceital-os. *(Rasgando o papel — a Bento)*. Está livre.

BENTO *(respirando)* Ah!

CONDE *(baixo a D. Emilia)*. Que fez?

D. EMILIA *(idem)*. De duas vergonhas .. preferi a menor!

JOSÉ *(á baroneza)*. Dizia-me ha pouco a senhora baroneza que, para um homem attestar a verdade dos seus sentimentos, devia pôr-lhes o sello do seu nome. Eu sou tambem da mesma opinião; e, em prova da minha verdade, *(a D. Emilia)* tenho a honra de lhe pedir, á face de todos, a sua mão. *(Espanto geral. Prosegue energicamente)*. Como ha porém um homem, que para se engrandecer tomou por degraus o rou-

-lho, a seducção, a falsificação, a calumnia, e o assassinio, e como a presença d'esse homem é uma affronta para a sociedade, uma injuria á honra, e uma vergonha para a sua victima, á face de todos tambem declaro que esse homem, diffamador, aleivoso, falsificador e assassino... está ali! *(Indica Bento).*

BARONEZA. Que escandalo Deus do ceu!

BENTO *(furioso, a José Eduardo).* As suas armas!

CONDE *(interpondo-se; a José Eduardo).* As armas nobres não são para acções vis.— O castigo d'este senhor é outro.

SCENA XII.

OS MESMOS, e **UM CRIADO.**

(O criado traz uma carta n'uma bandeja, e apresenta-a a Bento — Bento abre e lê com signaes de visivel turbação. Entretanto a baroneza dirige-se a D. Emilia. — O criado sahe).

BARONEZA. Veja o que veiu fazer a esta casa!

D. EMILIA. Foi involuntariamente, minha senhora. *(A José Eduardo).* Honram-me as palavras que proferiu, e reconheço o coração que as dictou; mas não posso, nem devo ceder ao seu generoso impulso. Deus talvez me absolvesse: o mundo é que nunca lhe perdoava. — Senhor conde, quem se tem mostrado tão sollicito não me negará um favor.

CONDE. Qual, minha senhora? Conte comigo.

D. EMILIA. Entrar para um convento. Quanto a meu filho...

JOSÉ. Fica por minha conta.

CONDE. E fica bem.— Elle lhe ensinará como um homem adquire um nome.

BENTO *(que acabou de lêr, desorientado, e procurando).* O meu chapeu?

BARONEZA. Aonde vae, visconde?

BENTO *(cada vez mais desorientado, pegando no chapeu, e sahindo precipitadamente).* Um negocio urgentissimo... *(Sahe).*

SCENA XIII.

OS MESMOS, *menos* **BENTO.**

BARONEZA *(seguindo-o até quasi á porta, e insistindo).* Mas ao menos justifique-se... explique-nos...

CONDE. Está explicado. Não percebeu? Foi um aviso.

BARONEZA. E agora?

CONDE. Agora... vae-se embora o seu casamento com um passaporte na algibeira.

BARONEZA. Era então verdadeira aquella historia?

CONDE. Pois ainda duvidava? Olhe se a deixo casar...

BARONEZA (*suspirando*). Ai! conde perco-lhe as esperanças!

CONDE. Por que se enganou no caminho.

JOSÉ. E tem similhantes homens quem os avise!... Assim illudem as leis!..

CONDE. Mas não illudem a honra.

JOSÉ. E quem desafronta a sociedade?

CONDE. O remorso... ou a ignominia.—Na escalla social ha muitos modos de subir; mas um só de *ficar:* é a estima dos homens de bem!

FIM DO DRAMA.